

decisão



CARREIRAS E SALÁRIOS

HÁ CADA VEZ MAIS PORTUGUESES
A REGRESSAREM P. 08

MOBILIDADE

TRAM CHEGA A CINCO NOVAS PARAGENS
ESTE VERÃO P. 81

NEGÓCIOS

O LUSO-LUXEMBURGUÊS QUE TROCA
MENSAGENS COM ELON MUSK P. 30



A vez das mulheres

A história de dez empreendedoras portuguesas de sucesso no Luxemburgo

Home

In life,
you can't plan everything.

Sometimes it works. Sometimes you learn.
We also insure unexpected surprises.

baloise.lu/home



 **baloise**

EDITORIAL *Madalena Queirós*

Mulheres na liderança

Atualmente, apenas 3 em cada dez posições de liderança das empresas, no mundo, são ocupadas por mulheres. Um número que tem que aumentar, a bem da economia.

Um estudo do Peterson Institute for International Economics revela que as empresas com pelo menos 30% de mulheres em cargos de liderança têm uma margem de lucro líquido 6% maior do que as empresas com menos diversidade de género na liderança. Números confirmados num relatório da McKinsey & Company que mostra que as empresas com uma proporção maior de mulheres na liderança executiva têm um desempenho financeiro superior. Também a Boston Consulting Group revelou que empresas com equipas executivas com maior diversidade são mais inovadoras e geram 19% mais receitas.

Depois, elas trazem a preocupação com a sustentabilidade às reuniões dos conselhos de administração. Mais mulheres na liderança significa empresas mais cautelosas em relação aos riscos financeiros.

Depois há o estilo da liderança que é completamente diferente. Assim, as líderes femininas têm maior capacidade de comunicação e de construir relações Interpessoais mais sólidas. Para além de contribuírem para criar ambientes de trabalho mais inclusivos, o que aumenta o bem-estar nas empresas, contribuindo assim para a retenção de talentos, também ajudam a reduzir os conflitos nas organizações. As empresas lideradas por elas tendem a se envolver mais em atividades de responsabilidade social corporativa, o que pode melhorar a sua imagem e reputação.

Nesta edição apresentamos dez empreendedoras portuguesas que estão a dar cartas no do Luxemburgo.



Madalena Queirós

ASSINATURAS

Preço: 5 euros
Assinatura anual (quatro edições):
15 euros
Encomendar por mail:
jose.campinho@mediahuis.lu
ou por telefone:
(00352) 661 24 93 93.

FICHA TÉCNICA

Chefe de Redação

José Campinho
jose.campinho@wort.lu

Colaboradores

Ana Tomás, Telma Miguel,
Paula Freitas, Paula Ferreira
Diana Alves, Susy Martins,
Patrícia Marques
e Ricardo J. Rodrigues

Design

pedro.final@gmail.com

Fotografia capa:

Marc Wilwert

Fotografia:

Rui Oliveira,
António Pires e Arquivos Wort

Morada:

7, Avenue John F. Kennedy, L-1855,
Luxembourg-Kirchberg
Tel. (00352) 661 24 93 93

Publicidade:

regie@wort.lu
Tel. (00352) 49 93 90 00

Publicados aproximadamente
7 500 exemplares por Node
Interaction s.a.r.l.,

Todos os direitos reservados.
A reprodução do todo ou parte
sem permissão escrita é estritamente
proibida. Copyright © Node Interaction s.a.r.l.

O papel usado para esta edição
é reciclável, produzido com madeira
de florestas geridas de forma sustentável.



PRINTED IN
LUXEMBOURG

32-41 | NEGÓCIOS

Pedro Braz, um dos talentos mais promissores da Europa

Pedro Braz, antigo estudante da Faculdade de Economia da Universidade do Porto (FEP) e cofundador da HelpMeChoose, startup incubada na UPTEC - Parque de Ciência e Tecnologia da Universidade do Porto, integra a edição deste ano da lista dos 30 melhores talentos europeus com menos de 30 anos.

A seleção foi feita pela revista Forbes, que distinguiu o empreendedor português na categoria de finanças.



81 | MOBILIDADE

Tram chega a cinco novas paragens este verão

Já falta pouco para poder apanhar o tram até ao Estádio do Luxemburgo. O novo troço vai começar a operar a 7 de julho e vai servir cinco novas paragens, incluindo dois terminais intermodais: Scillas, Howald Gare, Lycée Vauban, Waasserteurm e Stadion.



26-31 | CONSTRUÇÃO Construir mais e em altura

Dos projetos que têm vindo a ser apresentados para promover a habitação acessível, têm-se destacado os empreendimentos com vários apartamentos, ou seja, a construção em altura.

70-77 | HABITAÇÃO Taxas de juro vão baixar

Os analistas consultados acreditam que o Banco Central Europeu (BCE) e a Reserva Federal norte-americana (Fed) vão avançar sincronizados para um corte das taxas de juro em junho, colocando a tónica no ritmo da descida.

LUXEMBOURG MUSEUM DAYS 2024

Sábado e domingo

18. & 19.05 CLERVAUX

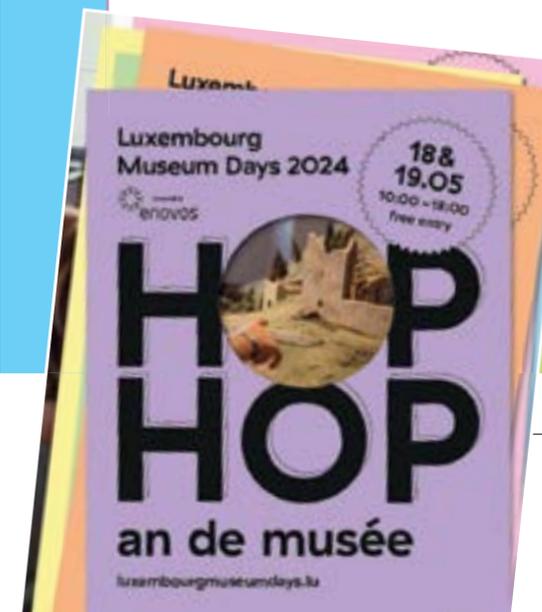
Os museus do castelo estão abertos das 10h00 às 18h00 e um programa variado espera por si.

ENTRADA
GRATUITA

- ▶ **Visitas guiadas gratuitas à exposição A FAMÍLIA DO HOMEM & Workshop de fotografia**
- ▶ **“Meet Pixie Pixel” Visitas guiadas gratuitas à exposição fotográfica para famílias** Inscrição obrigatória
- ▶ **Visita guiada do CEBA aos locais de queda de aviões da Batalha do Bulge** Inscrição obrigatória
- ▶ **A maquete do diorama de Clervaux ganha vida com som e luz**

Pinturas faciais gratuitas para crianças, das 14:00 às 17:00, em ambos os dias, no castelo.

- 18.05 : 14h30 Concerto « Vocals on Tour » / no Castelo de Clervaux
- 18.05 : 16h30 Concerto « Muziekvereniging Juliana Almen » / zona pedestre
- 19.05 : 14h30 Espetáculo de palhaços « Kasia Balou » / no Castelo de Clervaux
- 19.05 : 15h30 Concerto « Harmonie St. Caecilia Geulle » / zona pedestre



E no centro da cidade, a “Aldeia Provençal” com 40 expositores que recebem com a venda de produtos típicos da Provença, das 10 às 21 horas.





Orçamento de Estado 2024: um ano de transição

O ministro das Finanças, Gilles Roth, quer fazer poupanças, cortando em despesas do próprio Estado. Mas também há investimentos prometidos, nomeadamente na digitalização e nas infraestruturas. Eis os números-chave do Orçamento do Estado para este ano.

52 - 57 | GRANDE ENTREVISTA

“Dumping social afeta todos os setores”

Marc Boly, diretor da ITM, diz que não tem o número de inspetores necessários para cumprir todas as funções. Mesmo assim, fez cerca de 17 mil inspeções às empresas no passado tendo sido aplicadas 3.300 multas, no valor de cerca de 14 milhões de euros, o que representa um aumento de quase 30%.

39 - 39 | NEGÓCIOS

O luso-luxemburguês que troca mensagens com Elon Musk

“Mica” Oliveira cresceu num T1 no Luxemburgo com a mãe e os dois irmãos. Aos 36 anos, é cofundador da startup Amplemarket, que levantou recentemente 11 milhões de euros em investimento, reside no coração de São Francisco e até troca mensagens com Elon Musk.

26 - 29 | ZOOM

Estado de Crise na construção

Os tempos estão difíceis para empresários e trabalhadores no Luxemburgo, e a face mais visível desta realidade são as explosões de falências, sobretudo no setor da construção ligada à habitação. Uma situação que levou o Governo a decretar situação de crise para alguns setores da construção civil.

10 - 15 | RADAR

“Há cada vez mais portugueses a regressar”

Em vigor desde 2019 e até 2026, o Programa Regressar é cada vez mais popular. No total, desde 1 de janeiro de 2019, 24.500 emigrantes regressaram definitivamente para Portugal à boleia deste programa.

Mercearia Costa Vert festeja décimo aniversário com lançamento de loja online



Cumpridos 10 anos da existência da empresa Costa Vert, Adelaide e a filha Cristiana lançam-se na abertura de uma loja online de forma a fazer chegar a todo o país a sua vasta gama de produtos.

Desde pequena que Adelaide Costa sonhava em ter uma mercearia à antiga portuguesa. Hoje não tem uma, mas duas mercearias no norte do país, Clervaux e Troisvierges, que gere com o apoio da sua família. “Aqui no Norte existia pouca oferta e pouca variedade de produtos portugueses e queríamos oferecer à comunidade produtos de qualidade a preços razoáveis, pro-

cas festivas e no Natal tento sempre trazer um pouco das regiões de cada pessoa, os cabritos, o peru, o bacalhau”, explica.

Este ano, numa altura em que a empresa celebra o seu décimo aniversário, Adelaide e a filha decidem avançar com um novo projeto: as vendas online. “Através da loja online, abrimos portas à nossa experiência a todo o Luxemburgo”, explica Adelaide, sublinhando a importância de manter o “compromisso de não descurar a nossa qualidade de serviço, atendimento e simpatia, que é o cartão de visita da nossa casa”.

A loja online inclui todos os produtos e “já está ativa, com entregas duas vezes por semana. A partir de 50€ de compras a entrega é gratuita em todo o país, podendo ainda beneficiar de várias promoções. Para isso, basta registar-se no site”.

Loja I: Clervaux
5, rue de la Gare
T.(+ 352) 26 90 34 12

Loja II: Trois Vierges
36 Grand-Rue
T.(+352) 24 51 47 43
Abertos de segunda-feira a sábado, das 08h às 12h e das 14h às 18h.
Aos domingos e feriados, das 8h às 12h.

Loja online: www.costavert.com
FB: Epicerie Costa Vert / Costavert Epicerie & Take Away

Em vigor desde 2019 e até 2026, o Programa Regressar é cada vez mais popular. Só no ano passado, cerca de nove mil emigrantes foram abrangidos por este apoio, o equivalente a 37% do total.

“HÁ CADA VEZ MAIS PORTUGUESES A QUERER REGRESSAR”

“Foi um ano de muito trabalho e dedicação, mas compensa ver tantos portugueses a cumprirem o sonho de regressar ao país”, declarou José Albano Marques, diretor-executivo do Regressar.

Dos emigrantes regressados, 37% têm formação superior e 75% têm entre 25 e 44 anos. Segundo o JN a maioria dos trabalhadores ainda tem vários anos de contribuições pela frente, podendo assim compensar os mais de 100 milhões de euros investidos pelo Estado neste apoio. “Estamos com uma média mensal de 350 candidaturas, mas há meses com 400. Há cada vez mais portugueses a querer regressar”, sublinhou José Albano Marques.

No total, desde 1 de janeiro de 2019, 24.500 emigrantes regressaram definitivamente para Portugal à boleia deste programa. Ainda de acordo com o JN, os portugueses

que voltaram estavam espalhados por 106 países. Aqueles que mais procuram o programa para regressar são os emigrantes na Suíça, França e Reino Unido, por essa ordem. De seguida, em menor número, estão os residentes no Brasil, Venezuela, Alemanha, Angola, Espanha, Luxemburgo, Bélgica e Estados Unidos.

“O maior número de regressos verifica-se em países com melhores vencimentos do que os nossos, porque a vida lá também não está fácil”, resume José Albano Marques. O responsável refere que, “na maior parte dos casos, [estes portugueses] regressam para as origens, ou seja, têm uma habitação própria ou regressam para uma casa da família”. O aumento das candidaturas deve-se, em grande parte, ao esforço de divulgação feito junto das comunidades, nomeadamente através da visita de governantes e técnicos ao estrangeiro, que tem tornado o programa mais conhecido.





Emigrantes aproveitam benefícios fiscais para regressarem a Portugal

Os apoios e benefícios fiscais do Programa Regressar (PR) têm seduzido muitos emigrantes que em idade ativa deixam o país de acolhimento e regressam a Portugal. O retrato destes portugueses foi publicado recentemente no semanário Expresso revelando que, para além das grandes vantagens ao nível de impostos sobre os rendimentos, quem volta a viver em Portugal ganha 2,5 vezes mais do que os trabalhadores que sempre se mantiveram no país de origem. Do Luxemburgo, foram cerca de 500 os emigrantes a regressar a casa.

Por **Paula Santos Ferreira**

A mudança da residência fiscal para Portugal é uma das condições obrigatórias deste programa, que permite a quem regressa pagar apenas metade dos impostos durante cinco anos. Contas feitas, “cada emigrante pagou em 2022 menos 6.717 euros de IRS do que pagaria sem benefício fiscal, em termos médios”, revela o Expresso, sublinhando que cada beneficiário tem poupado entre quatro mil a sete mil euros por ano no IRS.

Atrair investimento e mão-de-obra, sobretudo qualificada, para Portugal, entre os portugueses radicados no estrangeiro são os dois grandes objetivos do Programa Regressar.

SALÁRIOS SUPERIORES

Estes trabalhadores ganham em média duas vezes e meia mais do que os portugueses que nunca emigraram. Em 2022, estes ex-emigrantes possuíam um salário anual médio de cerca de 43 mil euros, muito superior aos 16.617 euros de rendimento médio global dos contribuintes em Portugal, indica a análise do Expresso. Além de auferirem um salário superior pagam menos de imposto.

As vantagens fiscais do PR publicadas pelo semanário são baseadas numa análise de dois economistas aos dados do Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Re-

lações Internacionais (GPEARl), do Ministério das Finanças, e do Programa Regressar.

PROGRAMA PROLONGADO ATÉ 2026

O PR vai vigorar até 2026 mantendo os apoios financeiros, fiscais e profissionais dos portugueses que venham trabalhar para o país natal e sua família. O incentivo estende-se também a apoio financeiro para a mudança de país, nomeadamente nas viagens.

Todas as informações podem ser consultadas na página oficial do Programa Regressar, onde também são feitas as candidaturas em exclusivo.

O Programa Regressar foi inicialmente pensado para durar dois anos (2019 e 2020), mas já foi alvo de vários prolongamentos, com o Orçamento do Estado para 2024 (OE2024) a determinar que podem recorrer a este benefício fiscal os contribuintes que já tenham residido em Portugal no passado e que se tornem, de novo, fiscalmente residentes no país até 2026.

Com o OE2024 foi ainda aumentado, de três para cinco o número de anos de residência fiscal fora de Portugal para que se possa ser abrangido. Ou seja, no modelo até aqui em vigor, podiam usar a medida as pessoas que não tivessem sido fiscalmente residentes em Portugal nos três anos anteriores ao regresso, a partir deste ano, são exigidos cinco anos.

Quinze ex-residentes em Portugal tinham rendimentos médios de 850 mil euros

Um grupo de 15 ex-residentes abrangidos pelo regime fiscal do Regressar declararam rendimentos anuais médios de 853 mil euros, em 2022, superando o limite de 250 mil euros criado com o Orçamento do Estado para 2024 (OE2024). A maioria eram profissionais de futebol.

Estes dados constam de um estudo do Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais (GPEARl) do Ministério das Finanças, onde os autores, Adriano Lopes e Paulo Costa, fazem uma análise ao programa Regressar, nomeadamente ao impacto orçamental da medida entre 2019 e 2022, beneficiários e respetivos rendimentos.

O Regressar permite aos ex-residentes que regressem a Portugal beneficiar de uma exclusão de IRS sobre 50% dos seus rendimentos de trabalho ou de rendimentos empresariais, durante um período de cinco anos, sendo que, para quem volte a partir de 2024, aquela exclusão opera até 250 mil euros de rendimento.

Conjugando este teto do valor de rendimentos abrangido pela medida (criado pelo OE2024) com o número de beneficiários do regime em 2022, os autores do estudo estimam que se naquele ano já estivesse em vigor aquele limite de rendimentos, haveria um impacto positivo de 4,1 milhões de euros na receita do IRS, sendo afetados 15 agregados.

“Apesar do reduzido número de agregados afetados, o impacto seria bastante significativo, com um aumento médio da coleta, por titular, em 145 mil euros e um aumento da receita orçamental em 4,1 milhões de euros”, refere o documento.

Assim, concluem, a limitação do valor de isenção para os ex-residentes, apesar de afetar um número reduzido de agregados, tem um impacto significativo, quer na receita, quer no rendimento disponível dos agregados afetados.

O rendimento total destes 15 agregados (13 dos quais são casados ou unidos de facto e dois solteiros) ascendeu a 23,9 milhões de euros, em 2022, o que corresponde a um rendimento médio de 853 mil euros, por titular.

Acabou o regime especial para os pensionistas que regressam a Portugal

O estatuto Residente Não Habitual que permitia aos reformados emigrantes regressados a Portugal pagar apenas 10% de impostos durante 10 anos terminou em março.

Por **Paula Santos Ferreira**

Atrair para Portugal emigrantes reformados com pensões do estrangeiro era um dos objetivos deste regime especial. Uma das grandes vantagens fiscais para os emigrantes pensionistas que regressavam a Portugal terminou no passado dia 31 de março. Um estatuto que permitia aos emigrantes portugueses reformados que regressem de vez a Portugal, nomeadamente do Luxemburgo, serem tributados apenas em 10% nos impostos que pagam sobre as pensões recebidas do estrangeiro. Esta redução da tributação era válida durante 10 anos consecutivos.

QUEM AINDA PODE BENEFICIAR?

Para ainda ter direito ao estatuto Residente Não Habitual (RNH), o emigrante reformado teria de ter regressado e mudado a sua residência fiscal para Portugal no ano anterior ao pedido. Ou seja, quem regressou a Portugal no ano passado e tenha obtido a residência fiscal portuguesa até 31 dezembro de 2023, vai continuar a beneficiar deste regime, confirmou ao Contacto Anabela Santos, consultora da Ordem dos Contabilistas Certificados de Portugal.

Os emigrantes que já possuíam o estatuto de Residente Não Habitual e cujo prazo de duração de 10 anos da taxa de IRS a 10% ainda esteja a decorrer, depois de 31 de março de 2024, vão manter os seus

benefícios fiscais, explicou Anabela Santos.

Por exemplo, quem voltou para Portugal em 2022 e beneficia do estatuto de RNH continuará a pagar apenas 10% de IRS sobre as pensões estrangeiras até 2032, como este regime permite.

OUTRAS REGALIAS

Há outro benefício com o estatuto de RNH. Desde que preenchidos certos pressupostos, os rendimentos de fonte estrangeira, como por exemplo os dividendos ou mais valias de imóveis podem estar excluídos de tributação em Portugal.

Recorde-se que o estatuto de RNH foi criado em 2009 e reformulado em 2021 com o objetivo de atrair para Portugal reformados, nomeadamente os emigrantes, com pensões pagas por outros países e pessoas de profissões consideradas de elevado valor acrescentado.

MAIS INFORMAÇÕES

- Para mais informações e contactos sobre o estatuto de RNH pode consultar a página da Autoridade Tributária e Aduaneira (AT) do Portal das Comunidades.
- Pode contactar o Centro Atendimento Telefónico da AT através do número +351 217 206 707, todos os dias úteis das 9H00 às 19H00, ou deslocar-se a um serviço das Finanças em Portugal (atendimento por marcação).

Mike Travessa, gerente

O que é a Emporio del Uomo?

Criado em novembro de 2017, Emporio del Uomo é um concept store único a pensar no homem de hoje-em-dia. A primeira loja no Luxemburgo surgiu no centro comercial Auchan, em Kirchberg.

Emporio del Uomo destaca-se na vertente do lifestyle masculino através de um conceito inovador, com produtos de barbearia de alta gama, tratamentos spa e produtos exclusivos para homem.

Emporio del Uomo é composto por dois espaços: Il Barbiere, e Uomo store, propondo uma vasta variedade de produtos, do agrado do homem no mundo atual. Combina acessórios de moda, artigos em pele, livros, charutos, bebidas espirituosas e é também o local ideal para os apreciadores de vinhos com uma cuidada seleção de vinhos seletivos e acessórios. É um espaço onde qualquer homem se vai sentir em casa, um prazer para os gentlemen com estilo.

Emporio del Uomo inspira-se nas barbearias clássicas que estão na moda, criando uma atmosfera única.



- 1 Tabuleiro de xadrez classico: **65 €**
- 2 Jogo Memo
- Iconic People: **25 €**
- 3 Baralho de cartas
- cartas duplas de jogar: **15 €**

Segundo as previsões atualizadas pelo Statec, o próximo 'index' será pago no terceiro trimestre de 2024. Em 2025, poderá ocorrer um pouco mais cedo, durante o verão.

Indexação dos salários na segunda metade de 2024 e de 2025

O Statec manteve o cenário do pagamento da próxima indexação de 2024 para o último trimestre deste ano. O abrandamento da inflação no Luxemburgo foi mais forte do que o previsto no final do ano passado, sobretudo devido às medidas governamentais relativas aos preços da energia aplicadas, em 2022 e 2023, que mantiveram a inflação a um nível inferior ao da área do euro. Por isso o organismo estima “uma inflação para este ano de 2,2% (em vez dos 2,5% previstos anteriormente)”, esperando, por isso, que a próxima tranche seja “indexada no último trimestre de 2024”.

Em 2025, a indexação salarial deverá ser ativada no terceiro trimestre do ano, ou seja, no verão, adiantou o Statec no seu mais recente flash de conjuntura.

Segundo o instituto de estatísticas luxemburguês, com o levantamento do teto de preços da energia,

previsto para 1 de janeiro de 2025, e com a ausência de novos apoios governamentais, “a inflação deverá recuperar e permanecer acima de 3% ao longo do próximo ano (3,3% em 2025)”. “Tal deve-se principalmente a contributos positivos dos preços da eletricidade e do gás (+17% e +60%, respetivamente)”, explica o Statec, acrescentando que, por isso, “uma nova indexação deverá acontecer no terceiro trimestre de 2025”.

O organismo ressalva, contudo, que “as expectativas de preços de mercado são voláteis e que as previsões resultantes para 2025 devem, por conseguinte, ser tratadas com prudência”. Recorde-se que na projeção do início de fevereiro, o instituto de estatísticas apontava dois cenários de indexação relativos a 2025.

O “cenário baixo”, previa “uma indexação no 4º trimestre de 2024, mas não antecipava nenhuma nova indexação em 2025”. O “cenário alto” previa a neces-

sidade de antecipar, de novo, a “indexação salarial em 2024, para o terceiro trimestre deste ano, e de acionar duas em 2025, uma no 2º trimestre, logo seguida de outra no 3º trimestre”.

SALÁRIO MÉDIO ANUAL DE 72.200 EUROS

O Luxemburgo é o país onde o salário médio anual ajustado a tempo inteiro para os trabalhadores é o mais alto da União Europeia, de acordo com o Gabinete de Estatísticas da UE (Eurostat).

Em 2021, o salário médio bruto anual de um trabalhador do Grão-Ducado foi de 72.200 euros, contra os 55.300 euros que auferia a média europeia. Se dividirmos o valor por 12 meses, cada trabalhador no Luxemburgo recebe um salário médio de 6.016 euros brutos.

A Dinamarca - onde o salário médio anual por trabalhador é de 63 300, - e a Irlanda (50 300 euros) são os países que melhor pagam a seguir ao Luxemburgo.

Quanto aos vizinhos do Grão-Ducado as diferenças são também significativas. Na Bélgica, o salário médio anual é de 48.722 euros, na Alemanha é de 44.404 euros e na França, de 40.135 euros.

Portugal surge na 18ª posição entre os 27 países da União Europeia nesta matéria: o salário médio anual

é de 19.300 euros, menos de metade da média europeia. Por mês, o salário médio por trabalhador é de 1.600 euros. Em comparação com o Luxemburgo, o salário médio anual no Grão-Ducado é 73% superior ao de um trabalhador em Portugal. A Bulgária (10 300 euros), a Hungria (12 600 euros) e a Roménia (13 000 euros) são os países com o salário médio mais baixo.

É a primeira vez que o Eurostat apresenta este indicador, calculado através da combinação das contas nacionais (incluindo o PIB) dos 27 estados-membros com os dados dos inquéritos da Força de Trabalho (LFS na sigla inglesa), este que é o maior inquérito sobre a situação dos agregados familiares e indivíduos no mercado de trabalho.

De acordo com o Eurostat este indicador de salários médios anuais ajustados a tempo inteiro por trabalhador da UE surge no âmbito da diretiva Blue Card para atrair trabalhadores altamente qualificados de países terceiros à União Europeia, que sofre já uma escassez de mão-de-obra, fundamental para a sua competitividade internacional.

AS ÁREAS COM MAIS OFERTA DE EMPREGO

A 31 de janeiro, havia 6.966 postos de trabalho disponíveis na Agência para o Desenvolvimento

do Emprego (ADEM). Os postos de trabalho anunciados juntaram-se aos anteriormente existentes, elevando o número total de vagas para 6.966, uma descida de 36,6% em relação ao ano anterior. Estas são as dez áreas com mais oferta:

- | | |
|--|-----------|
| 1. Sistemas de informação e de telecomunicações: | 317 vagas |
| 2. Contabilidade e gestão: | 219 vagas |
| 3. Secretariado e assessorial: | 169 vagas |
| 4. Produção alimentar: | 155 vagas |
| 5. Obras de acabamento: | 126 vagas |
| 6. Banca: | 122 vagas |
| 7. Armazéns, transporte de cargas e mudanças: | 117 vagas |
| 8. Serviços: | 100 vagas |
| 9. Organização e estudos: | 87 vagas |
| 10. Limpeza industrial: | 79 vagas |

AS EMPRESAS MAIS PROCURADAS

O Moovijob.com, uma página na Internet que publica ofertas de emprego no Luxemburgo, divulgou uma lista das empresas mais procuradas no seu site em 2023, através de uma secção criada para fazer esse tipo de medição.

“Esta nova secção permite ao Moovijob.com analisar as pesquisas dos utilizadores e depois observar mudanças de comportamento no mercado de trabalho luxemburguês, mas também os setores de atividade e empresas que mais interessam aos candidatos”, refere a informação no

site, citada pelo Virgule. No topo do ranking está a Luxair. Com uma diferença de mais de 7.000 visualizações em relação ao segundo lugar, o grupo da transportadora área luxemburguesa foi o mais consultado em 2023 no Moovijob.com. “A empresa, que oferece uma vasta gama de profissões, prova assim a sua capacidade de atrair talentos”, refere o site. Em segundo lugar ficou o Govjobs, o principal canal de recrutamento da função pública luxemburguesa, e em terceiro a Manpower, empresa de recrutamento. Lista das 20 empresas mais procuradas no Moovijob.com:

1. Luxair Group
2. Govjobs
3. Manpower
4. Adecco
5. Arhis HR Solutions
6. Banque Internationale à Luxembourg (BIL)
7. Deloitte Luxembourg
8. CFL-Société Nationale des Chemins de Fer Luxembourgeois
9. Auchan Retail Luxembourg
10. Grant Thornton Luxembourg
11. Sofitex Talent Recruitment
12. Post Luxembourg
13. ING Luxembourg
14. Université du Luxembourg
15. Abiomis
16. Servior
17. Randstad
18. G4S Security Solutions
19. Sofitex de l'Interim au CDI
20. Austin Bright



Shutterstock

LUXEMBURGO, DO AÇO À CONQUISTA DO ESPAÇO

Foram vários os Grão-Ducados que existiram no Continente Europeu. Mas só o Luxemburgo sobreviveu à passagem do tempo. E a que se deve tamanha irredutibilidade? Os três sucessivos ciclos históricos que passam pelo aço, alta finança e um futurista plano aeroespacial.

Por **João Lopes Marques**

É no Grão-Ducado que se encontra o líder europeu de satélites - a SES - que anunciou no início de maio a compra da principal rival, a Intelsat (ver caixa). O negócio inesperado de 2,8 mil milhões de euros vai reforçar a posição

da luxemburguesa como um dos gigantes mundiais de satélites. É também mais um passo do Grão-Ducado na conquista do Espaço.

De acordo com as mais recentes estatísticas do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional

(FMI), o Luxemburgo é atualmente o país mais rico do mundo, com um PIB per capita de aproximadamente 138 mil euros. Apenas como comparação, a Noruega, uma superpotência em matéria de gás e petróleo, contabiliza atualmente um PIB per capita na ordem dos 90 mil euros (e os EUA não passam dos 70 mil euros). Como se chegou até aqui? Para o explicar, há que viajar por três grandes etapas — ou ciclos.

AÇO

O primeiro deles é o aço. Com muito deste minério luxemburguês se ergueram vários arranha-céus de Nova Iorque e Xangai, por exemplo. As generosas reservas de ferro no subsolo da região terão importantes consequências políticas no pós-guerra. Tais como a criação da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA), em abril de 1951, na sequência de uma iniciativa de Robert Schuman, então ministro francês dos Negócios Estrangeiros. Ao subscrever este tratado, o Grão-Ducado do Luxemburgo torna-se num dos seis membros fundadores da CECA, tida como a antecâmara da Comunidade Económica Europeia (CEE). Eis o embrião da União Europeia, fundada em 1957 por estes mesmos seis Estados através da assinatura do Tratado de Roma (países do Benelux, França, Alemanha e Itália).

Mesmo com a crise do aço e das matérias-primas ocorrida em meados da década de 70, a relevância do aço persistiu na economia luxemburguesa: em 2002, e por via do grupo franco-espanhol Arcelor, é no Grão-Ducado que fica sediada a maior empresa de aço do mundo. Será adquirida pela anglo-holandesa Mittal quatro anos depois, em 2006.

FINANÇAS

De forma a reduzir a sua dependência desta matéria-prima, o Grão-Duque e respetivo Executivo decidem apostar na alta finança com a entrada nos anos 80. Vivem-se novos tempos e no Luxemburgo é criado o ambiente favorável para se converter numa das maiores praças financeiras mundiais. Dá-se uma verdadeira viragem na economia, como se pode constatar ainda nos dias de hoje: o sector financeiro representa cerca de 25 por cento do seu PIB; é no Grão-Ducado que o Banco Europeu de Investimento (BEI) estabelece a sua sede.

Para tal muito contribui a sua posição geográfica no seio da União Europeia. Confere-lhe a mobilidade transfronteiriça de trabalhadores — sobretudo de cidadãos belgas, alemães e franceses — que reforçam o ambiente multilinguístico ideal para os negócios. De resto, é no Grão-Ducado que será assinado em 1985 o famoso Acordo de Schen-

Gigante luxemburguês de satélites anuncia compra da rival Intelsat

A SES, empresa luxemburguesa pioneira no setor dos satélites, anunciou no início de maio a compra da rival Intelsat por cerca de 2,8 mil milhões de euros. A transação, que está sujeita a autorizações regulamentares na Europa e nos EUA, deverá estar concluída no final do próximo ano. Segundo um comunicado das duas empresas, a fusão foi aprovada por unanimidade pelos conselhos de administração de ambas e pelos acionistas que detêm cerca de três quartos das ações da Intelsat, que saiu da falência em 2022.

No ano passado, a empresa tinha estado em conversações com a Intelsat - também com sede no Luxemburgo, mas a operar a partir dos EUA - para criar um gigante europeu de satélites para competir com o bilionário Elon Musk. As conversações tinham terminado sem acordo meses mais tarde, após divergências da Intelsat com a SES sobre as prioridades comerciais, informou a cadeia de televisão norte-americana CNBC.

Artigo originalmente publicado no Luxembourg Times.

gen, que garante a livre circulação de pessoas na área da União Europeia (e outros Estados vizinhos). Estima-se que mais de 200 mil pessoas entrem e saiam diariamente do território do Luxemburgo somente com o propósito de trabalhar.

À CONQUISTA DO ESPAÇO

É com alguma surpresa que, de súbito, o Luxemburgo entra no que se pode chamar um “terceiro ciclo”, o da pós-pós-modernidade. O mote é a diversificação da economia. Como se passado, presente e futuro tenham sido há muito uma transição planeada. Nem Júlio Verne adivinharia: em 2018, as autoridades luxemburguesas inauguram a Agência Espacial do Luxemburgo (LSA), com sede na localidade de Betzdorf e considerada uma das mais modernas do Planeta.

Simboliza uma vanguarda que, uma vez mais, já trouxe consequências políticas. Devido ao seu ambicioso — e, já agora, bastante

polémico — plano aeroespacial, o Grão-Ducado, que durante tantos séculos dependeu do aço, assinou uma parceria com a NATO, de que é membro-fundador, e com os EUA no âmbito dos satélites e comunicações de alta segurança, uma das fragilidades do mundo globalizado.

As atuais tensões geopolíticas e a Guerra na Ucrânia, aliás, ajudam a alavancar a importância estratégica do Luxemburgo no contexto europeu e atlântico. Já em 2024, o operador SES sediado no Grão-Ducado lançará um foguetão para colocar em órbita um satélite por si concebido e desenvolvido. Denominado Eagle-1, assegurará a comunicação ainda mais encriptada entre Estados. Ou, nas palavras da própria SES, “redes de comunicação seguras na Europa, entre os Estados-membros da União Europeia, numa base independente e soberana”. A partir da Terra, o satélite será operado da base de Betzdorf.

As boas e as más notícias para 2024

A situação económica no Luxemburgo vai continuar complicada, pelo menos durante mais alguns anos. 2023 fechou em recessão e as finanças públicas continuam lentamente a derrapar. Que implicações podemos esperar para os contribuintes e para as empresas?

Por **José Campinho**

O Triplo A não deverá estar em risco, mas a prometida redução de impostos para os contribuintes como para as empresas poderá não ocorrer tão cedo era esperado. Na segunda metade de 2024, espera-se uma melhoria gradual da atividade, mas muito pouco para poder falar-se de retoma. Pelo contrário. Com apenas 1,5% de crescimento económico previsto para 2024, as receitas do Estado vão manter-se inferiores às despesas, prevendo-se que o défice continue a subir, ultrapassando a barreira dos 30% do PIB em 2026. A inflação, por seu lado, estabilizou e deverá manter-se nos níveis desejados, mas a descida gradual dos juros também não é para já.

NOVO GOVERNO MEDE O PULSO

O novo governo já está por dentro da situação económica do país mas, apesar da insistência da oposição, não revelou os detalhes da avaliação apresentados pela Inspeção-Geral de Finanças (IGF), Comissão de

Supervisão do Sector Financeiro, a Comissão de Seguros, a Inspeção-Geral da Segurança Social (IGSS) e o Fundo Nacional de Saúde (CNS).

Na nota apresentada aos representantes do novo governo, antes de iniciar as funções, o Statec já tinha alertado para uma provável contração do PIB real em 2023, que veio a confirmar-se, prevendo uma ligeira recuperação para este ano. Numa projeção mais a longo prazo, o organismo de estatística prevê um crescimento a rondar os 5% em 2027.

Este declínio da atividade económica vai ter reflexos no crescimento do emprego, estando previsto um abrandamento progressivo até aos 2,5%, em 2027, em comparação com os 3,5% registados em 2022. Este abrandamento na criação de emprego deverá ser acompanhado também de um aumento gradual do desemprego, que deverá ultrapassar os 5% este ano e aproximar-se dos 6% no próximo ano.

CENÁRIO REALISTA

A boa notícia dos relatórios apresentados está relacionada com a evolução dos preços. Para 2024, o Statec prevê que a inflação continue a cair, devendo estabilizar nos desejados 2,5%.

A verificar-se esta projeção, não haveria indexação dos salários antes do terceiro trimestre deste ano. A outra consequência desta descida,



Chambre de Commerce pede menos despesa e mais inovação

Na reação ao relatório sobre a situação económica do país apresentado no final do ano passado, Carlo Thelen, CEO da Chambre de Commerce, alertou para a urgência de inverter o rumo atual de forma a preservar a estabilidade financeira e a atratividade económica. No seu editorial “Finanças Públicas: é no curto-prazo que se joga o longo prazo”, Carlo Thelen começou por lamentar o atual nível de confiança dos empresários, mais baixo do que nos anos da pandemia. Um mau pronuncio, para o qual a Chambre de Commerce vinha alertando já há alguns anos.

Mas há mais pronúncios na lista do economista luxemburguês, todos eles preocupantes: “o orçamento também está fragilizado pela baixa competitividade e rentabilidade, estagnação da produtividade e a não-seletividade do modelo social e não-sustentabilidade do sistema de pensões”, refere.

Um fraco desempenho agravado pela evolução galopante da despesa pública, nomeadamente nos salários dos funcionários e novas contratações que “continuam a evoluir a um ritmo superior ao da população em geral”, sublinha.

Para inverter esta perigosa curva deficitária, Carlo Thelen, volta a chamar a atenção para a necessidade de avançar mais rapidamente com a digitalização das tarefas administrativas. Uma transição que, “não só responde aos anseios de simplificação de privados e empresas”, mas permitiria “aumentar a eficiência e a produtividade na função pública, suscetível de travar o crescimento das contratações e da despesa”, explica.

seria uma provável mudança de estratégia por parte do BCE, com uma diminuição gradual da taxa dos juros, com o objetivo de dinamizar a atividade económica. Um cenário, onde todos ficariam a ganhar: as empresas veriam os seus custos estabilizar e o acesso ao financiamento tornar-se-ia mais fácil e mais barato. Isto, por sua vez, conduziria a mais investimento, dando origem a mais emprego. O governo, por seu lado, beneficiaria de mais receitas provenientes das empresas e poderia avançar com a aguardada reforma fiscal para uma descida dos impostos para trabalhadores e empresas.

CENÁRIO PESSIMISTA

No cenário mais pessimista, influenciado por um eventual arrastar da guerra na Ucrânia e da instabilidade no Médio Oriente, a inflação poderia rondar os 3,8%. Uma má notícia para os trabalhadores, prolongando a diminuição do seu poder de compra (aumento dos preços sendo superior ao aumento dos salários resultantes das indexações), má para as empresas que continuariam a debater-se com custos de matérias-primas e salários demasiado elevados e, inevitavelmente, mau para o governo que continuaria a ver os cofres esvaziarem-se. Neste contexto, a prometida reforma fiscal, que contempla uma descida dos impostos para particulares e empresas, torna-se altamente improvável.



Há mais empreendedores, mas cada vez ganham menos

Foi uma das raras boas notícias que o novo governo de centro-direita recebeu ao tomar posse: a proporção de residentes no Luxemburgo que planeiam abrir uma empresa continua a aumentar. Um dado que, curiosamente, contrasta com a pouca atratividade financeira, no segundo país com a rentabilidade empresarial mais baixa da Europa.

Por **José Campinho**

Como explicar que cada vez mais pessoas queiram lançar o seu negócio num país onde a rentabilidade média das empresas, excluindo o setor financeiro, não ultrapassa os 7%? Um mistério que o diretor do organismo nacional de Estatística,

Statec, Serge Allegrezza, gostava de ver esclarecido: “Há questões recorrentes a esse respeito para as quais não temos muitas explicações”.

Na União Europeia (UE), a rentabilidade média das empresas é de 10,2%, três pontos percentuais acima do Luxemburgo. Pior do que o Luxemburgo, só mesmo a França (6,7%). A título de exemplo, no Luxemburgo uma empresa com um volume de negócios de 100 mil euros anuais, fica apenas com 7.200 euros para financiar eventuais investimentos. Demasiado pouco para atrair novos investidores ou para motivar os existentes.

Para Serge Allegrezza, esta medida de rentabilidade (lucros brutos), dada as particularidades do país, não é a melhor métrica para analisar a atratividade da atividade empresarial, preferindo olhar para o rácio

de retorno dos ativos. (Return on assets). “A baixa rentabilidade representa um problema em termos de atratividade do país”, acredita Serge Allegrezza.

MENOS RENTABILIDADE, MENOS INVESTIMENTO

Outras das conclusões deste relatório é que o baixo nível de rentabilidade das empresas está associado a uma baixa taxa de investimento. Uma correlação lógica que coloca um sério problema para a economia do país. “As empresas investem em função da rentabilidade prevista para o futuro e esta é calculada com base na rentabilidade dos anos anteriores”, um círculo vicioso em que o Luxemburgo parece mergulhado. “Porquê investir no Luxemburgo se rende pouco? Para fazer otimização tributária?”, questionou.

Uma questão que também intriga a Câmara de Comércio. “O retalho e a hotelaria são particularmente afetados por estes desafios de rentabilidade. Isto não é coincidência: estes são setores de mão-de-obra intensiva e o Luxemburgo é um dos países com os custos laborais mais elevados”, explica a diretora de assuntos económicos do Statec, Christel Chatelain. “As indexações salariais, cinco em muito pouco tempo, pesam na rentabilidade das

empresas não financeiras”, acrescentou, por sua vez, Serge Allegrezza.

“UMA EMPRESA QUE NÃO É RENTÁVEL NÃO SOBREVIVE”

Antes das eleições, a Câmara de Comércio alertou os candidatos sobre os riscos da falta de rentabilidade. “Não é um assunto valorizado pela opinião pública e, no entanto, uma coisa é óbvia: uma empresa que não é rentável não sobrevive. A empresa deve ser capaz de investir no futuro, especialmente num contexto de transição ambiental e digital”, defende Christel Chatelain. Segundo ela, está em jogo a competitividade da economia luxemburguesa.

“Para nós é importante saber onde estamos, se somos eficazes. Mas constato, com consternação, que no Luxemburgo o assunto não interessa a muita gente. Ninguém nos pediu para investigar o que se passa”, constata Serge Allegrezza.

Um desinteresse com consequências para a atividade do próprio organismo de estatística. Com as prioridades voltadas para outros assuntos, questões importantes para o futuro do país, como: “como é que o aumento dos preços da energia e as indexações salariais afetaram a rentabilidade das empresas? Até que ponto aumentaram os seus preços? Podemos falar sobre a inflação das margens no Luxemburgo?”, ficam para segundo plano.

Mais desemprego e menos oportunidades

A situação está cada vez mais difícil para a população desempregada encontrar um novo trabalho no Luxemburgo, e isto numa altura em que o desemprego aumenta. Ao todo, em janeiro, eram mais de 18 mil residentes há procura de emprego. A construção, declarada em crise pelo Governo, é um dos setores mais afetados pelo desemprego e pela redução de ofertas de trabalho. Mas, não é o único.

Segundo o Statec, a diminuição de vagas de emprego também é “particularmente notória” nos setores da consultoria empresarial, das tecnologias da informação, transportes e logística e hotelaria (restauração, turismo, catering, lazer e entretenimento).

Qual a causa desta diminuição de 36% nas ofertas de emprego colocadas pelos empregadores na Adem? “A situação económica no país não é boa, e isso tem um impacto no volume de vagas declaradas disponíveis. As empresas têm menos vagas pelo que estão a contratar menos”, justifica Pierre Gramme.

O ano começou com 18.198 trabalhadores desempregados à procura de emprego, sendo o setor da construção um dos mais atingidos pelo desemprego. Atualmente, são 21 mil.

Luc Frieden: “Não podemos acomodar todos, por mais que queiramos”

Em entrevista à Télécran, o chefe do Governo do Grão-Ducado defendeu que é preciso ter uma política de migração que permita manter a coesão social do país e ser mais rigoroso com aqueles que “não recebem autorização de residência”.

O primeiro-ministro Luc Frieden afirmou que o Luxemburgo precisa de “uma política de migração responsável” para manter a coesão social, o que pode implicar restrições à entrada de

imigrantes. Numa entrevista à Télécran, divulgada no site do Governo, o chefe do Executivo do Grão-Ducado admitiu que o país não pode “acomodar todos” aqueles que o procuram, mesmo que queira.

“A política de migração é um tema muito difícil. Temos de fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para garantir que aqueles que são perseguidos politicamente recebam asilo. Mas não temos a oportunidade de aceitar todos os que desejam vir para o Luxemburgo por razões económicas ou outras”, começou por responder.

Segundo o primeiro-ministro, isso significa que é preciso “tomar decisões” para que quem procura o país “também possa viver aqui, encontrar um apartamento e um emprego”. “Mas não podemos acomodar todos, por mais que queiramos. Isto significa que temos de aplicar as regras de forma mais rigorosa às pessoas que não recebem autorização de residência”, referiu, acrescentando que para “manter a coesão social” é necessária “uma política de migração responsável”.

Luc Frieden considera que essa política pode evitar a subida da extrema-direita e prevenir conflitos sociais na sociedade luxemburguesa.

No que se refere aos que procuram asilo e à respetiva política europeia, o primeiro-ministro afirmou que o Luxemburgo deve “dar um contributo positivo para o debate europeu” e adotar a política de asilo e migração em conjunto “com a grande maioria dos Estados europeus” da UE.



Contributo dos imigrantes é reconhecido pela maioria da população

Apesar deste aumento na perceção da imigração como um problema, o Luxemburgo é o segundo país da UE, logo a seguir à Suécia, que mais reconhece o valor dos imigrantes para o país, com 81% a considerarem que estes dão um contributo positivo para o Grão-Ducado. Paralelamente, 89% dizem ser favoráveis à ajuda a refugiados.

O Eurobarómetro mostra que a perceção dos residentes do Luxemburgo relativamente à imigração muda consoante a zona de origem dos imigrantes. Enquanto “86% afirmam que a imigração de pessoas de outros Estados-membros da União Europeia suscita um sentimento positivo”, no que se refere à imigração de fora da UE regista-se “uma tendência decrescente”, suscitando um sentimento positivo em 61%, menos 14% do que no verão de 2023, salienta a análise.

Os cidadãos do Luxemburgo, que, segundo o relatório, são dos mais pró-UE e cuja confiança nas instituições europeias é mais elevada do que a média dos 27 Estados-membros, apoiam firmemente uma política europeia comum em matéria de migração e asilo e o reforço das fronteiras externas da UE.

Os transfronteiriços que enriquecem o Luxemburgo

Em 2023, o Luxemburgo voltou a ocupar o lugar cimeiro dos países mais ricos da União Europeia (UE), tendo registado o PIB per capita mais elevado entre os 27 Estados-membros, 140% acima da média europeia, de acordo com os últimos dados divulgados pelo Eurostat. A larga vantagem do país neste indicador em relação ao resto do bloco deve-se, em grande parte, ao contributo dos trabalhadores transfronteiriços para a economia. Isto porque, como explica o Eurostat, o cálculo do PIB inclui os cidadãos estrangeiros que trabalham no país, e que constituem quase metade da sua força de trabalho, mas que não fazem parte da população residente. Igualmente favorecida neste indicador é a Irlanda, logo atrás do Grão-Ducado, com um PIB per capita 112% acima da média europeia. Neste caso, o valor registado é explicado, em parte, pela presença de grandes empresas multinacionais no seu território. A sua produção contribui para a economia irlandesa, ainda que uma boa fatia das receitas obtidas seja enviada para as sedes dessas empresas, localizadas no estrangeiro. Bem abaixo dos dois primeiros lugares estão os Países Baixos, a Dinamarca e a Áustria, com um PIB per capita superior à média da UE em 30%, 28% e 20%, respetivamente. Também a Bélgica, a Alemanha e a França se situam acima da média no que diz respeito a este indicador, com 17%, 15% e 1%, nessa ordem. Do lado oposto da linha, ficam países como Itália, Chipre, Eslovénia e Chéquia, colocados a menos de 10% abaixo dessa média, seguidos de Espanha, Lituânia, Portugal e Estónia, que se situavam entre 10% e 20% abaixo.

Os planos do Governo para acabar com a insegurança na Gare

Em resposta a uma carta aberta dos residentes do bairro da capital, o Primeiro-Ministro e a ministra da Justiça avançaram medidas para resolver o problema. Processos mais rápidos, reforço da ordem de expulsão de imigrantes ilegais, expansão da videovigilância ou a introdução do policiamento comunitário são algumas das medidas que constam do acordo de coligação do Governo e que são apontadas pela ministra da Justiça, Elisabeth Margue, para resolver os problemas de segurança do bairro da Gare, na capital do Luxemburgo. Estas medidas foram elencadas numa resposta a uma carta aberta escrita pelos moradores do problemático bairro, segundo noticia o Luxemburger Wort. Na missiva, escrita em novembro passado, após as eleições legislativas de outubro, os residentes da zona interpelavam o novo executivo sobre as respostas a dar aos problemas que têm marcado a vida daquela zona nos últimos anos. De acordo com o Wort, que cita o grupo Whatsapp “Quartier Gare - sécurité - propreté”, o Primeiro-Ministro Luc Frieden e a ministra da Justiça responderam aos cidadãos, tendo Elisabeth Margue apontado as medidas do acordo de coligação acima indicadas e que o Governo adotou para “combater eficazmente a criminalidade, especialmente a relacionada com a droga”. Já Luc Frieden respondeu aos moradores expressando “compreensão e solidariedade” para com o que considera ser “um problema complexo e urgente”.



ESTADO DE CRISE NA

Por: Paula Santos Ferreira

CONSTRUÇÃO

Os tempos estão difíceis para empresários e trabalhadores no Luxemburgo, e a face mais visível desta realidade são as explosões de falências, sobretudo no setor da construção ligada à habitação. Uma situação que levou o Governo a decretar no final de janeiro situação de crise para alguns setores da construção civil. Com esta medida, as empresas que se enquadram nesses setores passaram a aceder a apoios específicos.

Que empresas podem recorrer ao desemprego parcial?

O Governo aprovou, em Conselho de Ministros, a possibilidade de empresas de construção civil poderem aceder ao subsídio de desemprego parcial, mas a medida destina-se apenas àquelas que pertençam aos setores para os quais foi declarada situação de crise.

Assim, e segundo o comunicado conjunto dos ministérios da Economia e do Trabalho, os setores abrangidos por este apoio são os da construção de edifícios residenciais e não residenciais (código NACE 41.200) e os da demolição e preparação dos locais de construção (código NACE 43.1).

As empresas abrangidas ficam responsáveis por um máximo de 20% do total de horas de trabalho, encarregando-se o Estado de 80% dos salários, e os seus pedidos estão sujeitos a reapreciação.

O Ministério da Economia lembra que este regime é apenas válido para trabalhadores dos estaleiros



de construção e não dos escritórios.

REQUISITOS A CUMPRIR

Para poderem requerer o subsídio para o trabalho a tempo reduzido, as empresas dos ramos do setor da construção declarados em crise pelo governo “devem estar estabelecidas no Luxemburgo, ser titulares de uma autorização de estabelecimento concedida pela autoridade competente, não estar a atravessar dificuldades de natureza

estrutural e comprometer-se a não despedir trabalhadores por razões económicas”, lê-se no comunicado.

O acesso ao trabalho a tempo reduzido por empresa está limitado a 20% do total das horas de trabalho habitualmente efetuadas nos locais (essencialmente trabalho manual). Em função da afetação, o empregador atribui as horas de trabalho a dispensar aos seus trabalhadores que efetuam essencialmente tarefas manuais.

“O Governo decidiu recorrer ao

trabalho a tempo reduzido para ajudar o setor da construção a ultrapassar este período difícil. Esta medida assegurará igualmente que o setor da construção disponha da mão de obra necessária para poder realizar grandes projetos de habitação quando a economia recuperar”, afirmou o ministro da Economia, das PME, da Energia e do Turismo, Lex Delles.

Na opinião de Georges Mischo, titular da pasta do Trabalho, “é essencial preservar os empregos

no setor. Temos de fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para apoiar os trabalhadores afetados pela situação atual. O setor é vital para o mercado de trabalho luxemburguês e as empresas vão precisar destes trabalhadores logo que a economia retome o seu dinamismo”, afirmou após o Conselho de Ministros.

Em comunicado, o Governo explica que a aprovação desta medida é justificada pela crise que está a afetar a construção em toda a Europa. “Após a covid-19, a guerra na Ucrânia, a inflação elevada (incluindo a das matérias-primas necessárias à construção) e a subsequente subida das taxas de juro contribuíram para um abrandamento significativo da atividade”, diz a nota.

VENDA DE CASAS CAIU PARA METADE

O Executivo traça ainda o cenário desenhado pelo Statec que refere o número de transações de apartamentos - diminuiu 38,2% em comparação com o terceiro trimestre de 2022. “O segmento de venda de casas também registou uma queda acentuada da atividade no 3º trimestre de 2023, de 47,3% em relação ao mesmo trimestre de 2022. A atividade no mercado de venda de terrenos para construção diminuiu 56,4% em comparação com o terceiro trimestre de 2022”.

É ainda lembrado que o emprego no setor da construção abrandou consideravelmente desde o início de 2023, tendo ficado praticamente estagnado no 3º trimestre.

45 empresas recorrem a subsídio de desemprego parcial em março

Quase meia centena de empresas da construção civil recorreram ao chômage partiel (subsídio de desemprego parcial) no passado mês de março. A área da construção representa quase metade dos 98 pedidos de apoio conjuntural. No conjunto de todos os setores, estão em desemprego parcial 7.920 trabalhadores.

O Comité de Conjuntura, presidido pelos ministros da Economia, das PME, da Energia e do Turismo, Lex Delles, e do Trabalho Georges Mischo, deu parecer favorável a 118 dos 149 pedidos para trabalho a tempo reduzido apresentados por empresas de diversos setores. “Destes pedidos, 98 eram de natureza conjuntural, 45 dos quais no setor da construção”, explica o comunicado do Governo.

Além daqueles pedidos, o Comité aprovou também 11 relativos a apoio estrutural, ou seja, ligados a um plano de manutenção de postos de trabalho, e nove relacionados com situações de dependência económica.



Ano começa com falências em alta

Os tempos estão difíceis para empresários e trabalhadores no Luxemburgo, e a face mais visível desta realidade são as explosões de falências. Só nos primeiros dois meses deste ano, os tribunais debateram-se com centenas de casos relativos a falências, como demonstram os dados do Registo de Insolvências, do Registo de Comércio e Sociedades, publicados no site do Ministério da Justiça.

Entre o dia 1 de janeiro e 27 de fevereiro, os registos somaram 329 processos nos tribunais das comarcas do Luxemburgo e Diekirch, dos quais 190 são relativos a aberturas de falências, 90 neste mês de fevereiro e uma centena em janeiro.

Neste mesmo período, a justiça encerrou 139 processos de falência, 69 em fevereiro e 70 em janeiro, de acordo com os dados do Registo de Insolvências.

De salientar que uma “abertura de falência diz respeito à decisão do tribunal de declarar o processo de falência, marcando o início do mesmo”, explicou fonte do Ministério da Justiça. Processos que, por norma, são iniciados meses antes.

Por seu turno, o encerramento de uma falência refere-se ao momento em que o tribunal “pronuncia o fim

deste processo”. “Esta decisão tem como consequência a dissolução da entidade jurídica e o encerramento da sua liquidação”, acrescenta a mesma fonte.

FALÊNCIAS A AUMENTAR

Os dados também comprovam que as falências estão a aumentar, com uma subida bastante vincada quando comparamos com os dois primeiros meses de 2023.

Entre janeiro e fevereiro do ano passado foram abertos 120 processos de falências nestes dois tribunais, contra os 190 deste ano. Em janeiro, houve mais 68% de entradas de pedidos de falência, em relação a igual período de 2023 (37 processos). Já na comparação de fevereiro a diferença é muito menor, sendo o aumento deste ano de 8%.

Por outro lado, as falências também cresceram nestes dois primeiros meses de 2024 em relação a dezembro de 2023, onde a lista do Registo de Insolvências indica a abertura de 68 processos, contra os 100 de janeiro e 90 de fevereiro já deste ano. Também o encerramento dos processos de falências neste início de 2024 é o dobro do que em igual período de 2023. Em janeiro e fevereiro do ano passado os tribunais deram como concluídos 94 processos de falência que vinham de meses anteriores (59 em janeiro e 37 em fevereiro), contra os 190 deste ano.

190

É o número de processos nos tribunais das comarcas do Luxemburgo e Diekirch, relativos a aberturas de falências este ano

CONSTRUÇÃO, O SETOR MAIS AFETADO

Se em 2023 o número de falências foi menor do que em 2022, registando-se, no entanto, um aumento acentuado de casos no setor da construção civil, o cenário dos primeiros dois meses de 2024 mostra que a tendência geral é de subida face ao ano anterior. A construção continua a ser o setor mais afetado, tendo já sido declarado em crise pelo Governo.

O Luxemburgo é, aliás, o terceiro país com maior número de falências registado no último trimestre de 2023, apresentando uma subida de 15,7%, de acordo com os dados do Eurostat. À frente do Grão-Ducado, com maior percentagem de falências, encontram-se apenas a Eslováquia (16,8%) e da Croácia (18,5%).

Luxemburgo regista um dos maiores aumentos de falências da UE

O Luxemburgo teve um dos maiores aumentos de falências da União Europeia (UE) no último trimestre de 2023, de acordo com o novo relatório do gabinete europeu de estatística (Eurostat) relativo às falências e registos de novas empresas.

Neste período, o Grão-Ducado assinalou uma subida de 15,7% no número de empresas que entraram em bancarrota, posicionando-se apenas atrás da Eslováquia (16,8%) e da Croácia (18,5%) na tabela correspondente a este indicador.

Ao mesmo tempo, o Luxemburgo também teve a maior quebra no número de registos de novas empresas entre outubro e dezembro. Este valor foi de 10%, muito acima da média europeia de 0,1%.

No que diz respeito à diminuição de novos registos, é mesmo o Luxemburgo que lidera a lista, seguido da Eslováquia (-10%) e da Dinamarca (-8,1%).

Recorde-se que, em 2023, mais de 2.700 trabalhadores ficaram sem emprego devido a falências, mais 39% em relação ao ano anterior, segundo dados do Instituto Nacional de Estatística (Statec). Mais de dois em cada cinco postos de trabalho perdidos pertenciam ao setor da construção.

MICA & THE AMERICAN DREAM

Natural da Tocha, Coimbra, “Mica” Oliveira cresceu num T1 no Luxemburgo com a mãe e os dois irmãos. Aos 36 anos, é cofundador da promissora startup Amplemarket, que levantou recentemente 11 milhões de euros em investimento, reside no coração de São Francisco e até troca mensagens com Elon Musk, o homem mais rico do mundo em 2022.

Micael Oliveira fez o doutoramento de Física no Instituto Superior Técnico (IST), em Lisboa.



O PORTUGUÊS DO LUXEMBURGO QUE TROCA MENSAGENS COM O HOMEM MAIS RICO DO MUNDO

Há instantes que mudam uma vida inteira. Micael Oliveira viveu um desses momentos no final de 2013, enquanto aguardava num Starbucks de São Francisco (SF) a resposta final do Y Combinator (YC), o maior acelerador de startups do mundo – responsável pelo lançamento de mais de 3 mil empresas inovadoras, como a Airbnb, Coinbase, Dropbox ou a Stripe.

Estava com os irmãos João e Luís Batalha, com quem tinha deixado tudo para trás para criar uma solução tecnológica para disponibilizar às lojas online todas as ferramentas necessárias para otimizarem as suas vendas. Chamaram-lhe Orankl (hoje Amplemarket), uma mistura de “oráculo” com “ranking”.

“Tanto podíamos receber um email a dizer que tínhamos sido rejeitados, e regressar a casa, ou uma chamada para nos informar da aceitação no programa do YC, o que naquela altura significava uma grande vitória e a obrigatoriedade de nos mudarmos para São Francisco” diz Micael, 36 anos, mais conhecido por “Mica” entre amigos e colegas.

Tinham lutado muito para ali estar. Um ano antes, Mica e Luís, alunos de doutoramento de Física no Instituto Superior Técnico (IST), em Lisboa, e João, que completara o mestrado em engenharia informática no Massachusetts Institute of Technology (MIT), nos Estados Unidos da América (EUA), haviam decidido tirar um período sabático para criar uma ideia que pudesse mudar o mundo. “Começaram a surgir as primeiras startups em Portugal e nós falávamos muito sobre aquilo”, recorda Mica. “Quando olho para trás, percebo que fizemos uma loucura. Não tínhamos qualquer fonte de rendimento! Mas, como tantos outros empreendedores, acreditávamos que sabíamos tudo e que podíamos inventar algo novo a partir de um quadro em branco”.

Mal sabiam que estavam apenas a arrancar para um longo caminho que lhes iria dar trabalho incessante nos anos vindouros.

Inscreveram-se na primeira edição do Lisbon Challenge – um concurso de startups promovido pela Beta-i –, sem grandes expectativas, apenas com o objetivo de contarem com um prazo para os pressionar a desenvolver o primeiro protótipo. “Primeiro, até fomos rejeitados, não aceitaram a nossa candidatura. Mas metemos na cabeça que não nos podiam fechar a porta.



Num fim de semana, pusemos o protótipo a funcionar, até que nos validaram”, diz o empreendedor. Acabaram por vencer. O prémio foi de 75 mil euros e espaço para escritório em Lisboa durante 30 anos.

Deu-lhes ainda a confiança necessária para avançarem com a inscrição para o competitivo YC. São milhares de candidaturas de todo o mundo e somente as melhores são escolhidas: a taxa de sucesso é de 1,5 a 2%, inferior à de entrada nas melhores universidades americanas, como Harvard (5%). Passaram a primeira fase. “A etapa seguinte obrigava-nos a irmos a SF para nos submetermos a uma entrevista de dez minutos com os fundadores do YC. Hoje isso já é feito remotamente, mas na altura tinha de ser mesmo aqui”.

DORMIR NO CHÃO

Com dinheiro à conta para os voos, o trio português ficou a dormir no chão da sala de uma amiga italiana de João Batalha, Aurora, em East Palo Alto, uma zona

Micael nem sempre foi o tipo de rapaz infectado pelo “bichinho” da tecnologia. Mais do que os videojogos e os computadores, gostava de resolver dilemas e arranjar formas de contornar obstáculos. © Créditos: Micael Oliveira

meio obscura de Silicon Valley, enquanto se preparavam para o dia decisivo. Nessa manhã, Mica vestiu uma t-shirt com uma estampagem de uma fórmula de física de partículas, esperando aguçar a curiosidade científica dos entrevistadores.

Resultou: os chefes do YC perguntaram o que aquilo significava e quebrou-se o gelo. “Foi tudo muito dinâmico. Eu estava com o PC aberto para mostrar a demo, uns estavam a falar de pé, aquilo passou num instante. Naquela fase tão prematura, o que mais lhes importa é saber em quem estão a investir, quem são aquelas pessoas que vão ter resiliência para trabalhar até encontrarem uma coisa que funcione”, explica Mica.

Horas depois, ouviu a vibração do telemóvel na mesa do café. Do outro lado, Paul Graham, um dos fundadores da aceleradora: a Orankl tinha sido admitida, numa lista de 68 startups que contemplava ainda outra portuguesa, a Unbabel, as primeiras nacionais a integrarem o prestigiado programa californiano. “Festejámos muito porque pensámos que entrando para o YC tínhamos a vida feita”, recorda Mica. “Hoje sabemos que não significa nada, foi só um passinho inicial na longa caminhada que temos pela frente”.

Em janeiro de 2014, Mica mudou-se para Silicon Valley com os seus amigos e cofundadores, deixando do outro lado do Atlântico Portugal e o Luxemburgo, os dois países em que cresceu e desenvolveu o engenho para solucionar problemas.

PRECONCEITOS EM RELAÇÃO AOS PORTUGUESES

Quando Micael nasceu, em 1986, a sua mãe tinha somente 18 anos. Os seus progenitores eram ambos da Tocha, uma vila com 4 mil habitantes no concelho de Cantanhede, distrito de Coimbra, mas emigraram para o Luxemburgo no final da década, levando o varão e o seu irmão mais novo, André.

Não durou muito: problemas entre o casal fizeram com que a mãe optasse por entregar as crianças aos avós e aos tios, na Tocha, onde Mica viveu até aos nove



Micael e os seus parceiros arrendaram um primeiro apartamento, simultaneamente escritório, em Mountain View, no coração de Silicon Valley. Dormiram no chão ao longo de quase três anos.
© Créditos: Micael Oliveira

anos. Entretanto, em Hesperange, no Luxemburgo, o casal Gomes de Oliveira iria ainda conceber um terceiro rapaz, João, antes da inevitável separação.

Sem o pai em casa, a progenitora fez então os filhos mais velhos regressarem ao Grão-ducado. “Eu só falava português e colocaram-me numa turma de inserção com cursos intensivos de francês e de matemática”, recorda Mica. “No primeiro ano, sentia que os miúdos luxemburgueses gozavam comigo e cheguei a meter-me em bulhas e sarilhos. Nada de especial, sempre fui bom aluno, mas deu para sentir na pele o que é ser o outro num país estrangeiro”.

Essa experiência, relata o empreendedor, não só não o marcou como o tornou mais forte: “Acho que toda a gente devia experimentar ser emigrante porque é algo que confere, ou devia conferir, a capacidade de nos adaptarmos a contextos que nos são estranhos e de nos colocarmos na difícil posição daqueles que não pertencem à sociedade maioritária”, afirma.

“No Luxemburgo, havia o preconceito de que os homens portugueses construíam as estradas e as mulheres eram empregadas de limpeza e tomavam conta de crianças. E em parte era verdade... a minha própria mãe limpava casas e guardava miúdos. Qual o mal disso? Nenhum. No entanto, esse juízo de valor deu-me uma motivação extra para mostrar que os portugueses não eram apenas isso”.

CRIANÇA NO LUXEMBURGO...

Aprendeu francês, mais tarde também alemão e luxemburguês. O conimbricense teve sempre mais lusodescendentes nas turmas, mas cresceu rodeado de amigos das mais diversas proveniências. Hoje fala cinco idiomas. Com as duas filhas, gémeas, usa o francês, para que assimilem desde crianças três vernáculos: o português (da mãe), o francês (do pai) e o inglês (da escola em São Francisco).

A família começou por viver num pequeno estúdio, separado por um móvel grande: de um lado a sala, do

outro um quarto com sofá-cama. “Sempre partilhei o espaço com os meus irmãos e só me fez bem. Hoje, as famílias dizem precisar de um T1000 e de um jardim, mas o espaço é francamente sobrevalorizado. Uma criança precisa apenas de amor e do apoio dos pais”, diz. “Hoje vivo num apartamento incrível e sinto-me privilegiado todas as manhãs. Mas nunca me esqueço de onde venho e do quão importante para mim é vir daí”.

Praticava skate e jogava ténis, sem nunca descurar as aulas, em que as ciências desde cedo assumiram carácter de predileção. “A minha mãe trabalhava nas limpezas de manhã à noite, seis dias por semana, para que nunca me faltasse nada. A única coisa que lhe podia dar em troca era ser bom aluno, não falhar nas minhas responsabilidades. Acho que, em parte, fui bom na escola para lhe poder retribuir esse esforço”, diz o atual CRO (Chief Revenue Officer, ou diretor de receitas) da Amplemarket.

Micael nem sempre foi o tipo de rapaz infetado pelo “bichinho” da tecnologia. Mais do que os videojogos e os computadores, gostava de resolver dilemas e arranjar formas de contornar obstáculos: “Ia ao videoclube alugar dvd’s para os poder hackear em casa, devolvia-os três horas depois, porque ainda era de borla. Era mais pelo desafio, para ver se conseguia”.

Ainda se lembra do fascínio sentido com a sua primeira ligação à net, 56k, o router e o telefone a fazerem ruídos bizarros. Mas só aprendeu programação na universidade, em Estrasburgo, França, onde incurso para estudar Física. Aí sim, comprou o seu primeiro computador Mac, apareceram os primeiros iPods e iPhones.

... ADULTO EM LISBOA

Na hora de escolher a instituição para o mestrado, virou-se para o IST, em Lisboa, mais para se aproximar da namorada, Diana (hoje sua companheira e mãe das suas filhas), do que por motivos curriculares. “Escolhi

física de partículas, uma disciplina pela qual nutria muito interesse e que estava muito em voga por causa do acelerador de partículas do CERN e do dinheiro que estava a movimentar”, diz o luso-luxemburguês.

Na universidade lisboeta, rapidamente fez amizade com Luís Batalha: “Fazíamos os trabalhos juntos, tínhamos os mesmos interesses e a mesma onda”, diz. “Através dele, conheci o João, que estava a fazer um estágio na Califórnia e nos transmitia que era ali que tudo estava a acontecer”.

Foi então que as startups começaram a dominar as suas conversas: era a época da explosão do Facebook, da Tesla e da tecnologia informática. “São Francisco era o sítio para estar”, reflete Mica. “Era como ir para Hollywood se sonhasses ser ator ou para Nova Iorque se quisesses trabalhar no mundo financeiro. Se quisesses criar uma startup e levantar dinheiro, ninguém te ia tomar em conta se estivesse em Lisboa ou no Luxemburgo. O nosso sonho passou a ser Silicon Valley”.

... SONHOS EM SILICON VALLEY

O triunvirato português arrendou o seu primeiro apartamento, simultaneamente escritório, em Mountain View, no coração da zona a sul de SF que a partir de 1970 ficou conhecida globalmente por Silicon Valley – devido à concentração de um elevado número de empresas inovadoras especializadas em transístores e chips de circuito integrado baseados em silício, ou silicóne.

O dinheiro flui abundantemente: o “Vale” é a sede de 30 das 100 maiores empresas do mundo, segundo a Forbes, tem o terceiro maior PIB per capita do planeta (depois de Zurique e Oslo), movimenta um terço do capital de risco existente nos EUA, e tem a maior percentagem de casas com um valor estimado em mais de um milhão de euros.

“A nossa primeira renda era de 3.500 euros. Pensei que se tinham enganado, que tinham colocado um dígito a mais”, lembra Mica. Sem dinheiro para

mobiliário, compraram unicamente três colchões, uma mesa para os computadores e cadeiras. Dormiram no chão ao longo de quase três anos. Na parede, uma bandeira de Portugal e folhas de papel desenhadas para se fazerem passar por quadros.

O programa do YC durou três meses: um processo em que empreendedores mais experientes ajudaram os portugueses a desenvolver a sua ideia, a encontrar potenciais investidores e a criar redes de contactos. “Todas as semanas havia um jantar com todas as startups em que a comida não era a prioridade, mas vinha alguém muito proeminente partilhar a sua história. Até o Marc Zuckerberg, do Facebook, já lá foi. Nós apanhámos, entre outros, os fundadores da Airbnb, que têm uma história para lá de complicada, com cartões de crédito todos esgotados, uma dívida gigante, estiveram para desaparecer uma data de vezes. Acreditaram naquilo e fizeram bem, hoje são bilionários”, conta Mica.

“Qual o objetivo dessas sessões? Mostrar que os maiores empreendedores são pessoas comuns, como nós. Eu cresci com aquela ideia de que temos de ter respeito pelos doutores e aqui a mentalidade é que quem está no topo do mundo são pessoas normais. É inspirador e motivante porque te faz pensar que podes ser o próximo”.

Conseguiram angariar centenas de clientes e levantar cerca de 500 mil euros na ronda de investimento pre-seed, dinheiro que usaram muito cautelosamente nos anos seguintes para desenvolver o negócio: “Atribuímo-nos o salário mínimo e ficámos nós a fazer quase tudo para fazer render o dinheiro. Quase ninguém acredita que aguentámos em SF até 2020 só com essa soma”, diz.

As jornadas de trabalho tinham 14, por vezes 16 horas. “Era levantar, ir para o computador, trabalhar e só parar para voltar a cair no colchão. É preciso ser forte mentalmente. Por isso é que muitos fundadores de startups sofrem esgotamentos e depressões. Antes,

na escola e na universidade, as regras eram simples e os problemas bem definidos, trabalhava e depois tinha o reconhecimento com uma boa nota no exame. Aqui não. Trabalhas imenso e o sistema não te reconhece nada, pelo contrário, nunca é suficiente, estás sempre fora da tua zona de conforto e é como se estivesse sempre a falhar”.

No processo de ampliação da Orankl, os empreendedores tropeçaram em dificuldades na parte das vendas. “Já havia softwares para isso, mas tinhas de usar uns dez diferentes, era um espaço muito fragmentado, em que as soluções eram limitadas e não se interligavam umas com as outras”, explica o CRO da empresa. “Por que não criar um programa que açambarcasse todas essas ferramentas de otimização de vendas? Era um espaço fulcral, em branco, e com dinheiro, porque se uma startup quer crescer precisa que os clientes lhe comprem o produto de uma forma prática e funcional”.

Assim nasceu a semente para a transformação da Orankl na Amplemarket. A decisão levou um ano a ser tomada, mas com o parecer positivo de mentores e investidores, avançou. Seguiram-se três anos de desenvolvimento. “Sabíamos que ia dar muito trabalho, mas era um problema nobre de se resolver”, diz Mica.

“A Amplemarket pode vir a ser a empresa que muda a forma como as empresas crescem. Um dos maiores desafios para qualquer empresa é angariar clientes. O que nós queremos é que cada vez que estás pronto a crescer venhas ter com a Amplemarket”.

E como isso se faz? Recorrendo a técnicas de inteligência artificial. Por exemplo, se uma empresa X pretende fazer negócio com uma empresa Y, a Amplemarket oferece um software que permite à primeira definir o tipo de cliente que pretende contactar e graças à inteligência artificial a Amplemarket produz uma lista de potenciais contactos e a melhor abordagem comercial em poucos segundos.

No futuro, a startup pode aperfeiçoar os sistemas

de inteligência artificial para a análise de textos que indiquem a abertura de um gestor de uma companhia para contratar determinado bem ou serviço: “estamos concentrados em soluções que ajudem nas vendas entre empresas. Mais tarde podemos vir a alargar o raio de ação com ferramentas para o segmento de talento e recursos humanos, mas é algo que ainda não decidimos e que ainda não consta na estratégia que definimos para os tempos mais próximos”, comentou o cofundador João Batalha ao jornal Expresso.

A Amplemarket nasceu oficialmente em 2019 e no final desse ano tinha o produto pronto para ser lançado. Nesse período, Mica foi pai de gémeas e viu o mundo ser sacudido por uma maleita imprevisível: “Estava eu ao telefone pronto para vender o nosso programa quando do nada, rebentou a pandemia da covid-19”, recorda o empreendedor.

“Foi um pesadelo. Mas mesmo a tratar das bebés e com as pessoas a pensar que o mundo ia acabar, conseguimos progredir. Aprendi imenso. Sou introvertido, mas quando estou a falar de algo de que gosto, acho que consigo passar muita energia. Um founder que faz vendas é alguém que acredita muito no que está a vender”.

ENTRE MUSK E A RECESSÃO

A Amplemarket tem hoje quase 400 clientes espalhados pelo mundo, 70 funcionários (metade deles em Portugal e um que trabalha enquanto viaja de autocaravana pelo mundo) e receitas que, apesar de confidenciais, são já de sete dígitos anuais. No ano passado, recolheu um investimento de 11 milhões de euros, na combinação de rondas seed e séries A, lideradas pelo fundo americano Comcast Ventures e pelo português Armilar Venture Partners.

“A abordagem da Amplemarket permite aos representantes de vendas destacarem-se do ruído, causando aumentos significativos na eficácia das vendas”, disse Pedro Ribeiro Santos, partner da Armilar, no comuni-

NEGÓCIOS | LUSO-LUXEMBURGUÊS EM SILICON VALLEY

Fruto do crescimento da startup, o segundo escritório já tinha outras condições.

© Créditos: Micael Oliveira

cado de anúncio do investimento.

Em SF, a euforia financeira dos últimos anos foi assombrada pela inflação galopante e pelos agiões de recessão económica. Micael Oliveira não se mostra assustado; fala com o Contacto na praça de Hayes Valley, no centro da cidade, junto a um grupo de adolescentes que se recria em manobras de skate e de pessoas que se exercitam num ginásio ao ar livre, efeito pós-covid na cidade que está sempre um passo à frente.

“Acreditamos que somos uma máquina anti-recessão”, diz o português. “A Sequoia, a maior empresa de capital de risco, publicou há pouco tempo uma apresentação em que elencava o que as empresas deviam fazer em tempos de crise. Primeiro, reduzir riscos, segundo, investir em ferramentas que ajudem a consolidar custos, e finalmente, investir em ferramentas que ajudem a aumentar receitas. Ora, as duas últimas são o núcleo da nossa missão. Nós ajudamos a consolidar custos oferecendo vários produtos em simultâneo e tudo o que fazemos é ajudar os clientes a aumentarem as suas receitas”.

AI NO CENTRO DAS ATENÇÕES

Os investidores viraram as costas às criptomoedas e estão agora concentrados no desenvolvimento das aplicações de criação de conteúdo, texto e imagem através de inteligência artificial, como o ChatGPT, algo que interessa à startup portuguesa, uma vez que futuramente pode vir até a usar a AI para análise de emoções num contexto de vendas.

“É um fator que pode vir a ser muito importante para se saber qual a probabilidade de alguém vir a fechar um negócio, sendo que essa informação pode estar presente nos silêncios ou na inflexões de voz de uma pessoa enquanto fala com outra”, disse João Batalha ao Expresso.

A Amplemarket não é o único projeto conjunto entre Micael e os irmãos Batalha. Criaram a Fermat’s Library, uma plataforma para anotar e partilhar artigos científicos, que conta com mais de 850 mil se-



guidores. Um deles é bastante poderoso: Elon Musk, o patrão da Tesla, SpaceX e Twitter, que segue pouco mais de 170 contas na rede social que administra. A dos portugueses é uma delas.

“Ainda ontem trocámos umas mensagens privadas com ele”, diz Mica, mostrando o chat com o homem mais rico do mundo em 2022. A principal ideia é facilitar a colaboração em ciência e ajudar a desmistificar artigos científicos graças a anotações nas suas margens. Quem disse que ninguém liga à ciência? O conteúdo partilhado pelo Fermat’s Library conta já com mais de 20 milhões de visualizações todos os meses.

Mica vive hoje com Diana e as duas filhas num

apartamento do 27º andar de uma torre na baixa de SF, vizinho da sede do Twitter e do City Hall. Tem uma vista panorâmica sobre a metrópole das mil colinas e até um campo de basquetebol no condomínio.

Bem, o alojamento é provisório, porque lhe aconteceu uma daquelas coisas que só se passam na América: teve de sair do seu apartamento, uns andares a baixo, porque um vizinho tresloucado abriu as torneiras de segurança e inundou todos os andares inferiores, tendo sido apanhado pela polícia nu e em flagrante e acumulado um prejuízo de algumas dezenas de milhões de euros.

Mica está decidido a desfrutar do crescimento da startup que ajudou a fundar. Ainda assim, não há

garantias de sucesso; tanto se pode tornar num “unicórnio” – e valer milhares de milhões –, como falhar como tantas outras perante a pressão constante do vale da tecnologia.

“Ainda não ganhámos nada. Temos uma boa carteira de clientes e provámos que o que construímos produz resultados para os nossos clientes, mas só estamos a começar, ainda há muito para fazer. Nós dizíamos que quando chegássemos ao primeiro milhão, estávamos lançados. Depois estás lá, e só pensas em chegar aos dois”, diz o lusó-luxemburguês.

Isso tem fim? Mica fica em silêncio uns segundos. “Provavelmente não”.

EM- PRE- SA- RIAS



Cristina Simões

18, route de Luxembourg
L-7240, Bereldange
T. (+352) 26334243
info@bereloptik.lu

www.bereloptik.lu



“Pensei na optometria, porque é uma profissão em que auxiliamos muitas pessoas, nomeadamente que sofrem de miopia considerada a nova epidemia mundial que a OMS, estime que em 2050 irá afetar metade da população mundial. Um fenómeno provocado por maus hábitos de utilização de visão. Para além de que, a partir dos 40 anos, muitos começam a ter dificuldades de visão”. Hoje com a inteligência artificial e o desenvolver das tecnologias as máquinas já asseguram parte do trabalho. “Mas nenhuma máquina sozinha vai conseguir adaptar umas lentes de contacto. Ainda é preciso o olhar humano”. E realça que faz os exames de vista necessários, como se fosse oftalmologista, excluindo a parte médica. Depois todos os óculos ou lentes que subscreve são comparticipados pela Caisse National de Santé (CNS).

Hoje a sua reputação atravessa fronteiras e atrai clientes até dos países vizinhos. Muitos médicos já conhecem o seu trabalho, dos casos mais simples aos mais complicados. “Há muitas pessoas com problemas graves e que vêm de longe, recomendadas por diversos médicos oftalmologistas”, diz orgulhosa.

Aberto de segunda a sexta das 9h00 às 18h30 e sábado das 9h30 às 17h30. Com estacionamento para clientes.

Dizem que os olhos são a janela para ver quem realmente somos e foi a eles que Ana Cristina Simões dedicou toda a sua carreira, através da ótica Bereloptik, em Bereldange, que comemora 20 anos de existência. Mas os projetos não deverão ficar por aqui...

Cristina Simões estudou em Bruxelas optometria. Começou a trabalhar numa loja em Esch-sur-Alzette, mal acabou o curso. Mas aos 28 anos percebeu que estava na hora de lançar o seu próprio

negócio. E assim foi. A sua força vem em parte das suas memórias de infância e dos sacrifícios feitos pela família. “O meu avô veio para o Luxemburgo primeiro com a minha mãe. O meu pai, na altura, estava na guerra do ultramar, na Guiné, e veio em 1972. Estávamos no tempo da ditadura que era muito difícil, mas mantiveram sempre uma garra imbatível”, recorda. “Os meus pais não puderam estudar, porque tiveram de ir trabalhar logo aos 12 anos, eram os filhos mais velhos e tinham de ajudar a sustentar a família. Tinham três filhos que queriam que estudassem e assim foi”.

Alexandra Neves



Sempre teve como missão compreender como é que as pessoas pensam, as suas emoções e os seus comportamentos. A licenciatura em psicologia foi o primeiro passo para concretizar essa ambição.

“Tinha acabado de ter três filhos muito seguidos quando fiz a transição para o coaching. Procurava uma nova direção para a minha carreira”, explica. A maioria do seu percurso

profissional foi como consultora de formação numa grande empresa de auditoria. Integra o Competence Center da Universidade do Luxemburgo como gestora de projetos em 2022, cria a empresa Mind Tree Coaching em 2021 com uma oferta de formação profissional para indivíduos e empresas. Certificou-se em Terapia Cognitiva Comportamental e no Método Fair Play e acumulou ambas as tarefas durante os quatro primeiros anos da empresa. Entretanto integra o board do ICF – International Coaching Federation, exercendo atualmente

as funções de presidente.

“Em 2020, em plena quarentena, havia uma grande necessidade de desenvolvimento pessoal. Muitas pessoas sofriam de ansiedade, estavam com medo, tinham de saber lidar com as emoções que estavam a sentir”, explica. “Muitos clientes colocavam questões sobre o seu futuro profissional. Foi um momento de pausa e de reflexão. Aproveitei então o momento para desenvolver respostas a essas necessidades e criar formações”, recorda.

Em 2024, decide dedicar-se em exclusivo ao seu projeto, alargando a sua oferta formativa e de coaching destinada às empresas. “Tenho clientes que me contratam para melhorar as relações entre as pessoas e aumentar a produtividade, através de formações como ‘Melhorar a eficácia’, ‘Organização pessoal’, ‘Comunicação’, ‘Competências de Coachings para Managers’, ‘Gestão do stress’, etc.”, explica.

“A minha alegria vinha da minha empresa e queria pôr toda a minha energia neste projeto. Fui criando um portfolio estável de clientes e sinto-me mais feliz”, assegura.

+352 691 605 788

alexandra@mind-tree-coaching.lu

Benvinda Almeida



É um exemplo claro de que o esforço compensa. Dedicada e resiliente, Benvinda conhece bem as dificuldades de gerir um negócio, que lançou há 17 anos, como as noites curtas e falta de tempo para realizar um sonho.

A All Maid é uma empresa especializada nas limpezas ao domicílio para clientes privados, incluindo limpezas profundas, mudanças, condomínios, pós-obras etc., a preços competitivos e com garantia de um serviço profissional e de confiança. A empresa conta ainda com uma loja destinada à venda de

produtos ecológicos de limpeza.

Antes de fundar a sua empresa, Benvinda trabalhou 30 anos como funcionária de limpezas na Luxair, com horários irregulares exigidos para o bom funcionamento do local. Hoje, para evitar a mesma situação com as suas colaboradoras, aceita apenas clientes em horário diurno e garante-lhes 40 horas de trabalho semanais com contratos a tempo indeterminado, combatendo assim a precariedade no setor.

Para além de gestora é muitas vezes o “ombro amigo” na sua empresa, que se orgulha de ser humana, contando com a preciosa ajuda dos dois filhos: Carolina e Sérgio. No seu escritório, em

Steinsel, podemos observar um quadro com a frase “Sozinhos vamos mais rápido, mas juntos vamos mais longe”, assim como algumas fotos das suas equipas, que refletem bem a filosofia da sua empresa. “As colaboradoras e eu formamos a família ALL MAID. Sem elas nunca poderia ser empresária. Não é a minha empresa, é a nossa! É muito importante dar valor aos nossos colaboradores. O dinheiro não é necessário, mas a riqueza é mais importante”, garante.

A força e a resiliência para assegurar o papel de gestora, mas também de amiga e conselheira, tem uma origem curiosa. Benvinda gosta de escrever poesia. Num dia menos bom, sentada numa floresta, viu “uma formiga a empurrar uma bola de alimento sobre uns pauzinhos que, para a formiga eram monstros, mas consegui avançar, e pensei: se ela consegue eu também tenho de conseguir ultrapassar os meus obstáculos”, conta. Uma fonte de inspiração e de coragem para dar continuidade aos seus projetos. “Quando se faz o que se gosta não se trabalha, vive-se. E hoje, já reformada, continuo a viver. É isso que desejo a todas as empresárias”.

Steinsel

50, rue de Près
T(+352) 26 64 90 90
prestation@allmaid.lu
www.allmaid.lu

Gabriela de Lacerda



Gabriela de Lacerda, fundadora da Academia da Drenagem Linfática, transformou sua paixão em uma missão de vida. Com formações em Estética, Cosmetologia, Linfoterapia e Fisioterapia, conhecimentos que serviram de alicerce para uma atividade que exerce há mais de 30 anos: a Drenagem Linfática Manual, utilizando o método original Dr. Vodder.

Com mais de 50 mil tratamentos realizados exclusivamente com esta técnica, Gabriela de Lacerda adquiriu uma experiência valiosa. “Essa experiência ajudou-me a testemunhar os notáveis benefícios desta terapia no corpo humano”, explica. “O que me apaixonou neste tratamento foi a consistência de resultados excepcionais nas diversas patologias que tratei, especialmente em tratamentos pós-operatórios, linfedemas e lipedemas.”

Aplicada tanto na estética quanto na medicina, a Drenagem Linfática Manual desempenha um papel fundamental na

recuperação pós-operatória de todas as cirurgias que causam edema, incluindo cirurgias plásticas, ortopédicas, maxilofaciais e oncológicas. “Ela pode recuperar um paciente do pós-operatório imediato de cirurgia plástica em apenas 10 dias”, explica Gabriela.

“Enquanto obtinha resultados espetaculares em casos difíceis, cresceu em mim a missão de levar este tratamento ao maior número possível de pessoas. Abracei esse projeto e, desde então, tenho divulgado esta terapia em congressos internacionais de fisioterapia e estética, tanto na Europa quanto na América Latina, e criei a Academia da Drenagem Linfática, que forma profissionais da saúde e bem-estar”, elucida Gabriela.

As limitações impostas durante a pandemia acabaram por abrir uma nova porta às suas formações, até então apenas presenciais. “Apercebi-me com a prática que as formações online podem ser tão ou mais eficientes do que as presenciais”, explica. Uma ferramenta que tem permitido trabalhar em várias geografias.

www.drainagelymphatique.lu
www.academiadadrenagemlinfatica.com
T. (+352) 661 041 163

Marta Sousa

Salões Beauty4you
Mersch
 Rue de Colmar-Berg
 T.(+352) 26320164

Ettelbruck
 71, Grand-rue
 T.(+352) 26811853

Echternach
 32, rue de la Gare
 T.(+352) 26721442



“Arrisquei abrir o meu negócio em casa, em 2016, e um ano depois tive que mudar para uma loja pois já tinha uma pessoa a trabalhar comigo e o espaço em casa tornou-se limitado”. Assim surgiu em julho de 2017, a abertura do salão em Ettelbruck, permitindo uma expansão a nível de clientes e de serviços, bem como equipa de trabalho.

Quase um ano mais tarde, em junho de 2018, abriu o segundo salão que se situa no Centro Comercial “Topaze Shopping

Center”, em Mersch. “Não me considero uma pessoa gananciosa, mas sim, tenho ambição e objetivos, e é isso que me faz lutar pelo que quero”.

“O facto de ser emigrante por si já não é fácil e depois não dominar todas as línguas do país foram os grandes desafios que tive de ultrapassar, mas sempre pude contar com o apoio do meu marido nesse sentido. Ele além de tratar da parte administrativa da empresa, também me impulsiona a expandir a empresa”.

O terceiro salão surge em plena pandemia, em março de 2021, na localidade de Echternach. Atualmente a

empresa “Beauty4you” conta com 15 colaboradoras, entre elas esteticistas e estilistas de unhas, uma equipa de trabalho que permite atender mais de 60 clientes por dias espalhadas pelos 3 salões.

Sempre a “mil” Marta diz que nem sempre é fácil gerir tudo, pois além dos salões, é mãe e tem uma vida privada que também precisa de ser cuidada, mas com paciência e boa vontade tudo se faz. “Não podia deixar de mencionar as minhas colaboradoras, e de lhes agradecer, pois sem elas nada seria o que é hoje. Temos a possibilidade de crescermos juntas em vários aspetos e muitas vezes são elas, que me dão ideias que são eficazes/eficientes e que me permitem fazer algo melhor pela empresa.

Marta Sousa não vai parar por aqui, e atualmente um quarto salão já está em progresso, e desta vez conta com uma parceria, que vai permitir abranger outras localidades e até mesmo países.

Que conselho deixaria? “Mesmo não sendo fácil, não desistir... trabalhar sempre com franqueza, honestidade e profissionalismo. Não devemos ver o cliente só como um número. Devemos tratar os outros como gostávamos que fosse connosco, para mim estas são as chaves essenciais para o sucesso da Beauty4you”.

Patrícia Baptista

Segunda a Sábado
 10h às 18h
 101, Rue de l'Alzette
 4011 Esch-sur-Alzette
 +352 27 99 58 54
 info@24brunch.com



Patrícia Baptista, natural de Matosinhos chegou ao Luxemburgo em Agosto de 2013, tendo iniciado o seu percurso profissional no sector da restauração como Barmaid e empregada mesa, mas foi quando passou a trabalhar na cozinha que o gosto que possuía na elaboração e criação de pratos se apurou ainda mais. Empenhada e determinada em fazer a diferença, durante dois anos, Patrícia dedicou-se através de muita pesquisa a conceber um novo projeto.

Residente em Esch-sur-Alzette há 7 anos percebeu como cliente e com visão empreendedora que marcaria a diferença com um espaço que viria proporcionar uma nova gastronomia à cidade permitindo aos clientes disfrutarem de um conceito inovador criativo e único. Foi então que colocou em prática as ideias que delineou e que com muita resiliência abriu a 10 de Julho de 2021 o 24 Brunch & Cocktails.

Patrícia, Chefe de cozinha, tem como seu braço direito na liderança do 24 o marido, Ricardo Vieira, que desempenha um papel crucial em toda a dinâmica e logística do espaço.

Dotado em primar sempre pela qualidade e pelos produtos frescos o seu espaço cozy, trendy, acolhedor e familiar tem sido o compromisso para todos os clientes fazendo do 24 Brunch um sucesso.

O 24 nasceu para ser muito mais, com vontade de expansão Patrícia quer chegar a novas cidades, persistindo no sonho e apostando na ideia com determinação, com o seu empreendedorismo quer transformar a visão num negócio que não apenas prospera, mas também inspira.

Paula Santos



Filha de retornados de Angola, não teve oportunidade de seguir os estudos. Foi para Portugal ainda muito pequena e viu-se confrontada com uma realidade muito diferente da vida desafogada que tinha em Luanda. Foi no Luxemburgo que acabou por concretizar o seu sonho de criança.

Tinha 17 anos quando chegou ao Luxemburgo. Durante oito anos trabalhou nas limpezas, ao mesmo tempo que aprendia francês. Entretanto, casou e teve dois filhos. Um dia uma amiga que abriu uma

loja de roupa convidou-a para ser decoradora. “Ela gostava muito da decoração da minha casa e estava à procura de alguém para decorar a loja e fazer as vitrines”. Aceitou o convite e pouco tempo depois já era vendedora. “A minha patroa apercebeu-se que eu apesar de só me dever ocupar da decoração, dava mais atenção aos clientes do que as próprias vendedoras e acabava por fazer mais vendas”.

“Sempre foi o meu sonho ter a minha loja de roupa”. Um sonho que estava prestes a tornar-se realidade. “Três meses após começar a trabalhar como vendedora, fui convidada para assumir a gerência da loja. Pouco

tempo depois estava a escolher coleções nos fornecedores em Paris, em Bruxelas e no Porto. No fundo tinha todo o peso nas minhas costas. Uma situação que não lhe agradava, mas que, por outro lado, lhe abriu as portas para perceber todas as vertentes do negócio.

A loja tornou-se de tal forma dependente do seu trabalho que um dia chegou a altura de clarificar a situação. “A pedido dos meus patrões fiz uma proposta para ficar com a loja, que acabou por ser aceite”. A clientela foi crescendo, com marcas como a Tiffosi, Guess, Morgan, Garcia, e, entretanto, surge a possibilidade de comprar um prédio ao lado que nos deu mais superfície de venda e melhores condições. Em 2023 decidi criar uma loja online (eshop.p-fashion.lu), onde o cliente pode ver e encomendar a nossa coleção.

O concretizar de um sonho que não se sobrepõe à família: “A família para mim é prioritária. Gosto muito de meu trabalho, mas tenho de ter tempo para os meus filhos e para o meu marido. Podia ter outros negócios, mas não é o meu objetivo. Cumpri o meu sonho de criança”.

47, Grand-rue
L-9050, Ettelbruck
T. (+352) 26 877 977
info@p-fashion.lu
Loja online: eshop.p-fashion.lu

Paula de Lacerda



Formou-se em arquitetura na Universidade Técnica de Lisboa. Entretanto recebeu uma bolsa de estágio para os Estados Unidos, onde acabou por iniciar uma carreira que já atravessou três continentes.

No regresso a Portugal trabalhou em vários projetos interessantes, nomeadamente a construção da inovadora clínica de Linfoterapia, em Telheiras, que foi premiada nos EUA com o Green Good Design Award.

Foi aí que desenvolveu o conceito “Portuguese Zen” -

sistema de bem-estar interativo, que permite ao cliente escolher o ambiente visual e sonoro durante o seu tratamento”, explica.

Em 2012, uma simples viagem a Moçambique transformou-se em mais uma etapa importante da sua vida. “Foi curiosamente aí que acabei por criar outra empresa de arquitetura e comecei a trabalhar com o software Archicad, que nos permite comunicar eficazmente com o cliente em 3D”.

Em 2015 regressa novamente a Portugal, mas por pouco tempo. Passados três anos começa uma nova vida, desta vez no Luxemburgo, acompanhada do “melhor e mais enriquecedor

projeto da minha vida: os meus filhotes Henrique (8 anos) e Beatriz (5 anos)”.

Em 2021, Paula de Lacerda lança a sua empresa no Luxemburgo e começa a desenvolver projetos utilizando a realidade virtual, permitindo que os clientes visualizem e sintam o espaço projetado antes da construção. “A habitação é crucial para o bem-estar das pessoas, mas no Luxemburgo, o preço elevado dos imóveis nem sempre reflete uma vivência luxuosa.” Otimista por natureza, Paula de Lacerda vê o Luxemburgo como um país com grande potencial para promover bem-estar através da arquitetura, maximizando cada metro quadrado. É essencial criar espaços multifuncionais que garantam funcionalidade e estética, proporcionando uma vivência harmoniosa. “Nas mesmas quatro paredes, podemos ter um escritório durante o dia que se transforma em quarto à noite”, exemplifica.

“Quem vai habitar naquele espaço é o meu cliente, eu tenho de ser sensível o suficiente para escutar o que ele deseja, com o que ele sonha... O melhor elogio que me podem dar é: “eu sinto-me tão bem neste espaço!”, sublinha.

info@portuguesezen.lu
www.portuguesezen.lu

Sandra Pereira



“Lançar a empresa foi a melhor decisão da minha vida”, diz sem hesitar Sandra Pereira, fundadora e gerente do gabinete de contabilidade Comptabilité STC SARL que não para de ganhar clientes.

Há um ditado português que diz que só há duas coisas certas na vida. Uma delas é que temos de pagar impostos. Fazer a declaração de rendimentos é uma dor de cabeça para quase todos. Tudo se torna ainda mais complicado, quando mudamos de país e temos de obedecer a

regras e taxas diferentes. Ter um contabilista em quem confiar é por isso essencial.

Sandra Pereira tem como missão ajudar os seus clientes a ultrapassar esta tormenta anual, da forma mais tranquila possível. E tem tido sucesso. Por isso a lista de clientes do seu gabinete de contabilidade em Mersch não para de crescer. São portugueses, mas também franceses, luxemburgueses e de muitas outras nacionalidades. Saem satisfeitos e recomendam-na. O passa-palavra é a sua principal mais-valia no crescimento da sua carteira de clientes.

Um crescimento que se reflete

também na dimensão da própria empresa que conta já com dez funcionários, aptos a responder a uma multitude de desafios. Para garantir o bom desempenho enquanto contabilista é essencial “estar atento aos prazos que temos que cumprir e estar constantemente a atualizar-se porque estão sempre a ser publicadas novas legislações fiscais”, explica.

“Lançar a empresa foi a melhor decisão da minha vida”, diz sem hesitar Sandra Pereira. Foi em 2011 que lançou a sua empresa Comptabilité STC SARL com a irmã e um colega. Desde então tem sido um somar de sucessos. Existiram também alguns percalços, como em qualquer negócio, mas que rapidamente foram ultrapassados.

Veio para o Luxemburgo com quase 10 anos. Fez a escola primária em Portugal, e acabou os estudos no Luxemburgo. Depois de dez anos de experiência a trabalhar num gabinete de contabilidade decidiu lançar o seu negócio. Um desafio que é uma aposta ganha.

29, rue de la Gare
Mersch
T. (+352) 26811502
info@comptastc.lu

Teresa Soares



Começou a trabalhar no setor com apenas 16 anos. Já com uma longa carreira, Teresa Soares é a prova de que a persistência e o empenho são determinantes para o sucesso.

Começou como aprendiz no Salão Colette em Remich, em 1990, onde se manteve durante 10 anos. Em dezembro de 1999 decide abrir o seu próprio negócio, o Salão Teresa. Um salão de cabeleireiro misto, onde coloca o seu know-how ao seu serviço do cliente para criar “um penteado de senhora, de homem ou infantil adaptado ao

rostro e personalidade de cada pessoa, bem como criações personalizadas para os seus eventos”, explica.

Para além dos produtos para o cabelo disponíveis para venda, o salão Teresa também realiza “maquiagens e/ou manicures que complementam de forma ideal o seu penteado”.

No final de 2018, o Salão mudou-se para o espaço Concilium, em Stadtbredimus, a 5 minutos de Remich, com estacionamento gratuito para os clientes. Para além deste espaço, Teresa Soares tem ainda um segundo estabelecimento no Lar (Hospice) Saint Joseph em

Remich, já há 22 anos.

Expandir o negócio não faz parte dos seus planos. “Quero manter os meus serviços e apostar na qualidade nos meus dois salões de forma a satisfazer os meus clientes”, explica, mostrando-se muito apreensiva com a evolução do setor artesanal. “Tenho muito receio do futuro, as pessoas não querem trabalhar, falta mão-de-obra em praticamente todas as áreas, faltam padeiros, eletricitas, cabeleireiros, mulheres de limpeza, falta de tudo... O setor artesanal está a ficar muito complicado”, lamenta.

Apesar das dificuldades, Teresa Soares orgulha-se de nunca ter necessitado da ajuda de ninguém, e de poder contar com uma “excelente equipa de seis colaboradoras, algumas das quais já trabalham comigo há mais de 20 anos. Somos uma família”, sublinha.

Salon Teresa Coiffeur

(espaço Concilium)
T. 23 69 82 26
6, rue Pierre Risch, L-5450 Stadtbredimus
www.salon-teresa.lu

FB: Salonteresa
Horário: 3ª-6ª, 8h-12h/13h30-18h.
Sábados das 8h às 15h.
Horários flexíveis sob reserva.



ENTREVISTA | MARC BOLY | DIRETOR DA ITM

Marc Boly

“Dumping social é um fenómeno que afeta todos os setores”

Marc Boly, diretor da ITM, diz que não tem o número de inspetores necessários para cumprir todas as funções. Mesmo assim, este organismo fez cerca de 17 mil inspeções às empresas no passado.

Por **Madalena Queirós**, Contacto

© Fotos: Anouk Antony

Como foi parar ao setor da construção? O relatório da Comissão dos Direitos Humanos denuncia violações dos direitos humanos, especialmente na construção e na HORECA. Confirma esse facto?

Sim, podemos confirmar. O maior número de potenciais vítimas de tráfico de seres humanos que identificamos estão, de facto, nestes dois setores. Na construção, estamos muito preocupados, porque não se trata apenas de tráfico de seres humanos, mas também de uma questão de saúde e segurança. Nestes casos, há trabalhadores que arriscam a vida, dependendo da situação. E no setor da HORECA, os casos acontecem, sobretudo, nos restaurantes que não têm origem em países da União Europeia.

Que balanço faz das atividades do ITM em 2023?

Em 2023, realizámos quase 17 mil inspeções e aplicámos 3.300 multas, no valor de cerca de 14 milhões de euros, o que representa um aumento de quase 30%.

Quais são os setores com maior número de queixas?

A HORECA e a construção civil são os dois setores mais preponderantes, e onde temos a situação de “dumping social”. O tráfico de seres humanos é um fenómeno no Luxemburgo. Mas também temos empresas luxemburguesas, sediadas

no Luxemburgo, que também estão envolvidas em “dumping social” no que toca ao incumprimento da legislação em termos de salários, férias e condições de trabalho. É algo que não se limita a um setor.

Temos ainda outro grande setor, no qual não temos os meios para atuar, que é o setor da logística, e que diz respeito aos transportes. Porque o Luxemburgo é um país de trânsito, e esse setor não faz parte destes controlos. As alfândegas têm feito muitas investigações aos camiões e aos camionistas, não só no cumprimento da legislação, em termos de peso transportado, mas também das horas que os camionistas trabalharam.

A construção é também um setor vulnerável em termos de “dumping social”, mas também em termos de acidentes de trabalho. Há quase 27 mil acidentes de trabalho no Luxemburgo em todos os setores. Temos quase 42.000 pessoas a trabalhar no setor da construção e há quase 4.100 acidentes, o que significa que quase 10% dos trabalhadores sofrem acidentes neste setor.

Registaram-se mais acidentes de trabalho do que em 2022?

Não. O número dos acidentes de trabalho tem tido tendência para estabilizar. Se olharmos, apenas para os acidentes no local de trabalho, temos cerca de 20.000 ocorrências por ano.



Onde se registam estes casos de “dumping social”?

O “dumping social” verifica-se em praticamente todos os setores. Não se pode dizer que acontece apenas em empresas estrangeiras, nem que afeta os trabalhadores que estão ao abrigo de um destacamento. Não se pode dizer que acontece apenas nas empresas luxemburguesas. O fenómeno acontece em todas as empresas.

O “dumping social” significa pagar menos do que é exigido por lei?

O “dumping social” não se refere, apenas, à questão dos salários. Se olharmos para os diferentes salários na Europa e se considerarmos, por exemplo, o salário mínimo por hora pago na Bulgária, é de dois euros. Se estivermos no Luxemburgo, é de cerca de 13 euros. Se um búlgaro vier trabalhar para o Luxemburgo por 8 euros, pensará que está a ganhar muito dinheiro, mas ainda está abaixo do salário mínimo no Luxemburgo.

Mas há também a questão do incumprimento da lei das férias, dos horários de trabalho que ultrapassam as 8 horas por dia, ou as 40 horas por semana. E tudo isto faz parte do “dumping social”, porque quando se obriga as pessoas a trabalharem mais tempo do que a lei permite, também se está a praticar “dumping social”.

Têm vindo a aumentar o número de empresas, nomeadamente portuguesas, subcontratadas por empresas luxemburguesas, que não respeitam a lei e que enganam os trabalhadores. O que é que a ITM pode fazer nestes casos?

Existem diferentes configurações. Podemos confirmar que recebemos queixas desse tipo. Há empresas portuguesas, por exemplo, que vêm para o Luxemburgo e recorrem à mão-de-obra portuguesa e em que se aplica a lei dos destacamentos. E aí verificamos se a lei está a ser aplicada. Temos empresas que estão sediadas no Luxemburgo e que são consideradas empresas portuguesas e que trazem trabalhadores portugueses pagando-lhes menos e recorrendo a contratos irregulares. Nestes casos fazemos inspeções e, quando detetamos estas ilegalidades, pedimos-lhes que regularizem as questões, sendo punidos de acordo com a lei. Mas torna-se difícil, se tivermos empresas que vêm trabalhar para o Luxemburgo e colocam os trabalhadores a residir no estrangeiro. Se não forem detetados diretamente nos locais de trabalho e se as suas empresas não têm sede no Luxemburgo, é difícil atuar. Também temos uma certa proatividade, mas que é limitada, em alguns casos, devido aos recursos humanos de que dispomos. E, em segundo lugar, porque recebemos muitas queixas que são todas investigadas.

Um dirigente associativo português propõe a criação de uma lista negra europeia de empresas que não respeitam a lei. Será uma boa ideia?

Esse é um dos problemas da Europa: tem muitas leis relativas à livre circulação de serviços. E na livre circulação de trabalhadores não cria regras que se apliquem a toda a Europa. Temos uma Europa que, para as questões da saúde e a segurança tem regras harmonizadas em todos os países. Mas no que diz respeito ao direito do trabalho e aos salários permite que haja muitas diferenças. Precisamos também de criar um quadro em que estes intercâmbios possam ter lugar e em que possamos criar listas negras com estas empresas. Mas estas empresas são como pop-ups, vêm e vão e mudam de nome. A única questão é saber quantos recursos são necessários para combater essa fraude.

Os trabalhadores sem documentos também podem apresentar queixa na ITM?

Qualquer pessoa pode apresentar uma queixa. O problema são os nacionais de países terceiros, fora da UE, sem autorização de trabalho ou de residência. Não somos a autoridade competente nessa matéria. Podemos perguntar se têm uma autorização de residência legal, mas é a polícia grã-ducal e o ministério da Imigração que têm

de tratar destes casos. É por isso que os nacionais de países terceiros sentem, inicialmente, que estão a ser punidos, porque a polícia leva-os para verificar se estão legais. E, infelizmente, se não tiverem uma autorização de residência legal, têm de ser expulsos do país.

Os pagamentos não declarados são um problema crescente. O que se pode fazer para combater este fenómeno?

Há dois fenómenos no que concerne a trabalho clandestino. Se tiver a ver com falta de contribuições para a segurança social e impostos, é um caso de evasão fiscal. Se estivermos a falar de pagamentos sem contrato, nos casos em que o patrão paga por um serviço que o empregado prestou e não há contrato de trabalho que o comprove, é relativamente difícil de atuar. E os trabalhadores que são pagos desta forma por um patrão raramente o denunciam. Mas se o fizerem é óbvio que analisamos o caso. É sempre necessário saber até onde se pode ir e que documentos podemos encontrar para que a suspeita possa ser confirmada.

Outro problema é o assédio moral crescente no Luxemburgo. O que é que a ITM pode fazer?

Temos uma lei que define claramente o que pode ser feito em relação ao assédio e quando é que a ITM deve intervir. Ao nível



“Os nacionais de países terceiros sentem, inicialmente, que estão a ser punidos, porque a polícia leva-os para verificar se estão legais”.

das queixas, é evidente que se temos uma nova lei, isso leva a que automaticamente tenhamos mais queixas, porque fizemos muita publicidade ao problema. É evidente que houve um aumento, mas é preciso dizer que o assédio sempre existiu e agora, com a mudança de mentalidade das pessoas, as vítimas estão a tornar-se mais corajosas para denunciar. Quando se trata de assédio, ainda há pessoas que têm medo de dizer que estão a ser assediadas, porque receiam ser consideradas fracas. Como há cada vez mais queixas, as pessoas estão a tornar-se cada vez mais corajosas e, de facto, também estamos a assistir a um aumento do assédio. No setor da banca e dos seguros é algo mais dominante do que se estivermos a falar, por exemplo, de um estaleiro de construção.

A ITM tem os recursos humanos necessários para cumprir os seus objetivos?

Não.

Quantas pessoas seriam necessárias?

Se formos realistas, em termos de recrutamento, gostaríamos de recrutar cerca de 30 pessoas. Se falarmos de um plano a dez anos, deveríamos ter entre 350 a 400 funcionários. O que, para um país com todos os fenómenos que tem, me parece um número razoável.



NOVO GOVERNO APRESENTA ORÇAMENTO DE TRANSIÇÃO

O ministro das Finanças, Gilles Roth, quer fazer poupanças, cortando em despesas do próprio Estado. Mas também há investimentos prometidos, nomeadamente na digitalização e nas infraestruturas. Eis os números-chave do Orçamento do Estado para este ano.

Fortalecer e preparar o país e os cidadãos para o futuro - é este o objetivo do Governo CSV/DP. Os investimentos orientados para o futuro devem ser feitos principalmente na mobilidade, na transição energética e na digitalização. E estes investimentos continuarão a ser elevados: só nos setores ferroviário (2,5 mil milhões de euros) e rodoviário (1,8 mil milhões de euros) serão investidos 4,3 mil milhões de euros e a política de mobilidade dos últimos anos será

prosseguida de forma consistente.

O ministro das Finanças, Gilles Roth (CSV), apresentou em março o seu primeiro Orçamento do Estado (OE) para os restantes nove meses do ano. Trata-se de um orçamento de transição e, ao mesmo tempo, de uma mudança de direção, “com novos focos na direção de uma nova política”, afirmou. Um orçamento que tem como objetivo reforçar o poder de compra dos cidadãos, a coesão social e a competitividade das empresas.

AJUSTAMENTO DA TABELA DE IMPOSTOS E MEDIDAS DE HABITAÇÃO

O ajustamento da tabela de impostos em quatro parcelas do indexante e as medidas de apoio à construção de habitações já foram implementadas, ao mesmo tempo que “o ‘index’ não está a ser posto em causa por este Governo”, sublinhou Roth. No entanto, será preciso ter cautela na elaboração dos futuros orçamentos. As poupanças não serão feitas à custa dos particulares e das empresas e o “lápiz vermelho” será aplicado sobretudo nos custos operacionais do Estado. “Um aumento médio de dez por cento dificilmente pode ser mantido”, afirma Roth. Ainda assim continuarão a ser feitos recrutamentos na polícia, no exército e na educação.

No que toca à receita, estão previstas novas sobretaxas sobre o tabaco e produtos relacionados com o tabaco, como os cigarros eletrónicos e as novas bolsas de nicotina.

Roth também deu uma indicação do percurso previsto para os próximos anos. Em 2023, o Luxemburgo registou um crescimento económico negativo de 1 por cento. Em 2024, no entanto, Roth espera que a economia cresça 2% e que a inflação estabilize nos 2,2%.

Já o emprego não deverá registar uma grande expansão, prevendo-se que cresça apenas 1,3% em comparação com 2023, enquanto o

desemprego continuará a aumentar devendo chegar aos 5,9% em 2024.

OS PRINCIPAIS NÚMEROS DO ORÇAMENTO

De acordo com o OE, as receitas, este ano, ascenderão a 27,5 mil milhões de euros, ou seja, mais 1,8 mil milhões de euros do que em 2023 (+ 7,1%). As despesas também continuarão a aumentar e ascenderão a 29,4 mil milhões de euros, ou seja, mais dois mil milhões de euros do que em 2023 (+ 7,6%). Em 2023, as despesas aumentaram 11,3%, disse Roth. O objetivo é quebrar a dinâmica do aumento das despesas com uma política de despesas orientada e eficiente.

No final de 2024, o défice da administração central ascenderá a 1,9 mil milhões de euros. Já o excedente da segurança social diminuirá de 1,05 mil milhões para 861 milhões de euros (2024) e para 261 milhões de euros (2027). O Estado no seu conjunto registará um défice de pouco menos de mil milhões de euros no final de 2024. No entanto, o setor municipal registará um pequeno benefício de 62 milhões de euros.

A dívida pública aumentará para 22,2 mil milhões de euros este ano, o que corresponde a 26,5% do Produto Interno Bruto (PIB), devendo estabilizar a partir de 2026. “Estamos confiantes de que nos manteremos abaixo dos 30% durante todo o mandato”, diz Gilles Roth. Em 2027, a dívida deverá ser de 27,3%

do PIB. “Estamos a criar confiança para o futuro”, concluiu Roth.

“TEMOS DE ADOTAR MEDIDAS DE AUSTERIDADE”

O primeiro-ministro Luc Frieden (CSV) anunciou-o na conferência de imprensa e o ministro das Finanças Roth (CSV) confirmou-o na RTL Radio: tendo em conta a situação económica que se vive no Luxemburgo, haverá medidas de austeridade.

“No ano passado, tivemos uma ligeira recessão, este ano estamos a viver uma ligeira retoma económica”, disse Gilles Roth, descrevendo a atual conjuntura do país.

O ponto de partida para esta decisão foi a revisão orçamental apresentada durante as negociações pós-eleitorais da coligação no Castelo de Senningen. Nessa altura, as dívidas da administração central estavam estimadas em 3,5 mil milhões de euros.

O objetivo de Gilles Roth, e do Governo, é “reduzir o défice este ano”. Em particular, o “efeito negativo” deve ser invertido, ou seja, o facto de as despesas públicas estarem atualmente a crescer mais rapidamente do que as receitas, disse o Ministro das Finanças à RTL.

Isto só pode ser conseguido com medidas de austeridade. “Temos de garantir que a progressividade das despesas seja nivelada”, acrescentou

Gilles Roth, considerando que esta é a única forma de manter a competitividade do Luxemburgo como local de implantação de empresas a médio e longo prazo.

ONDE POUPAR

Um ponto de partida é a política de recrutamento do Governo, que vai dar mais atenção ao “recrutamento sensato”. A digitalização deve ser utilizada para aumentar a eficiência das administrações, e os processos e procedimentos serão cada vez mais digitalizados e automatizados. “Sim, todos os governos devem manter o investimento elevado, especialmente num momento anti-cíclico”, afirmou Gilles Roth. “Mas também temos de ver se precisamos de edifícios de escritórios que custam 15 mil euros por metro quadrado.”

Do lado do Governo, Gilles Roth vê potenciais poupanças nas infraestruturas e nos custos de manutenção dos edifícios. O ministro não quis comentar se um imposto de crise poderia ser necessário, tendo em conta a tensa situação económica, mas adiantou que “não está previsto nenhum aumento de impostos no programa do governo neste momento”.

O orçamento de Estado para 2024 é um orçamento de transição, cujo principal objetivo é conter a evolução da dívida pública. Gilles Roth prometeu que o Governo terá o cuidado de não impor impostos adicionais aos

cidadãos. Há, inclusivamente, planos para reduzir os impostos sobre as empresas a partir de 2025.

PREÇO MÁXIMO DA ENERGIA DEVERÁ SER REVISTO

Relativamente a uma possível “eliminação progressiva” do teto máximo do preço da energia, que se aplica até ao final do ano, o ministro das Finanças sublinhou que o Governo “não o pode manter para sempre”.

A recomendação de baixar o teto máximo veio da Comissão Europeia. Gilles Roth admite a possibilidade de explorar o assunto com os parceiros sociais “com calma e sensibilidade” e chegar a acordo sobre um calendário para a redução do preço máximo da energia. “Todos devem contribuir para isso”, afirmou.

O Governo também pretende envolver os fornecedores de energia, uma vez que estes obtiveram enormes lucros durante a crise energética.

IMPOSTO SOBRE ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA

Relativamente ao debate sobre a questão da habitação, Gilles Roth defendeu um maior envolvimento dos bancos. O Estado, enquanto coproprietário de vários bancos, “deveria receber uma contrapartida pelas medidas de resgate financeiro” que foram tomadas durante a crise bancária. “Há vontade”, diz o

ministro. E uma das possibilidades é que os bancos invistam mais no setor da habitação a curto prazo.

Gilles Roth defendeu também as medidas de política fiscal para a construção de habitação, considerando que o Estado tem igualmente a responsabilidade de garantir a coesão social, pelo que deve estimular o mercado da habitação. Desta forma, o ministro espera evitar mais despedimentos no sector da construção.

O ministro prometeu ainda analisar outros pedidos dos promotores. No entanto, já está incluído no pacote de auxílios recentemente elaborado o “Bëllege Akt”, que concede 20.000 euros por pessoa que invista em novas habitações e que também poderá ser solicitado pelos investidores.

No prazo de um ano, os ministérios responsáveis, ou seja, os ministérios da Habitação, do Interior e das Finanças, deverão analisar a forma de aplicar um imposto sobre a especulação e de reformar o imposto predial.

“É claro que o governo está empenhado no imposto sobre a especulação e na reforma do imposto predial”, sublinhou Gilles Roth. No entanto, só isso não será suficiente para resolver a crise da construção e da habitação.

*Este artigo foi originalmente publicado no Luxemburger Wort e adaptado para o Contacto por **Ana Tomás**.*

Taxas de juro poderão começar a baixar em junho

Os analistas consultados acreditam que o Banco Central Europeu (BCE) e a Reserva Federal norte-americana (Fed) vão avançar sincronizados para um corte das taxas de juro em junho, colocando a tónica no ritmo da descida.

Depois de anos com as taxas de juro em mínimos históricos, a Reserva Federal norte-americana adiantou-se ao BCE na luta contra a inflação e, em março de 2022, iniciou o fim da era de dinheiro barato ao subir as taxas, pela primeira desde 2018, em 25 pontos base.

A subida das taxas pelo BCE só ocorreu em julho de 2022, pela primeira vez em 11 anos, com um aumento de 50 pontos base.

A diferença de calendário levou os analistas a criticarem a

“demora” do BCE em agir, mas agora os dois bancos centrais poderão ficar alinhados no mês do primeiro corte, segundo a expectativa dos mercados.

O BCE e a Fed, que têm mantido inalteradas as taxas de juro nas últimas reuniões, avaliam se a inflação está controlada ao ponto de poderem começar a cortar as taxas, tornando mais barato aos consumidores e às empresas contraírem empréstimos, gastarem e investirem, e evitar uma desaceleração económica que leve a um aumento do desemprego.



REDUZIR A INFLAÇÃO PRIMEIRO

Na última reunião, o BCE manteve as taxas de juro inalteradas pela quarta vez consecutiva e a presidente da instituição, Christine Lagarde, em conferência de imprensa, considerou que o banco central está a “fazer bons progressos” no sentido de reduzir a inflação para a meta de 2%, mas que ainda não chegou lá.

O BCE cortou a previsão de inflação média para a zona euro para 2% em 2025, o que colocará a inflação no próximo ano em linha com o objetivo de estabilidade de preços do banco central, prevendo uma taxa de 2,3% em 2024.

As declarações de Lagarde criaram expectativa no mercado sobre o momento de um corte nas taxas, ao afirmar que os dados económicos decidiriam o próximo passo do banco e que em abril terá um “pouco” mais de informação e “muito mais em junho”.

A observação de Lagarde foi uma “indicação não muito subtil de que o BCE irá provavelmente esperar até junho antes de cortar as taxas”, consideram os analistas do ABN AMRO Financial Markets Research Nick Kounis e Aline Schuiling, numa nota de research.

“Assim que a maior parte dos dados estiver disponível, e no cenário provável que aponte para uma moderação nas pressões salariais, o BCE deverá estar

preparado para iniciar o ciclo de cortes nas taxas, o que esperamos que aconteça na reunião de junho”, prevê também Anna Stupnytska, economista da Fidelity International.

Uma opinião partilhada pelo economista da Abrdn, Félix Feather, que prevê que “o primeiro corte nas taxas ocorra em junho, assim que o Conselho do BCE tiver em vista os dados salariais do primeiro trimestre”.

O economista-chefe do ING, Carsten Brzeski, destacou que Lagarde “abriu ligeiramente a porta a cortes nas taxas na reunião de junho”, mas salienta que “com a inflação a descer gradualmente, mas sem ficar abaixo do objetivo, e com o crescimento a regressar ao potencial ainda este ano, as perspetivas macro do banco central não dão muito espaço para uma série mais longa de cortes nas taxas”.

O mês de junho está também no horizonte dos mercados sobre a ação da Fed e ganhou força depois de o presidente da instituição, Jerome Powell, ter afirmado que as taxas de juro “provavelmente atingiram o seu ponto máximo deste ciclo” e se as condições económicas o permitirem pode ser apropriado começar a reduzi-las este ano.

Os analistas da Generali AM destacam que “há muita

especulação sobre a magnitude, o momento e a sequência dos primeiros cortes das taxas por parte da Fed e do BCE” e que a análise das decisões passadas “mostra que o BCE é relativamente independente da Fed e que ambos os bancos centrais apenas reagem ao respetivo ambiente, que foi por vezes semelhante no passado”.

CORTES ENTRE OS 75 E OS 100 PONTOS BASE

A previsão da Generali AM aponta para um total de cortes nas taxas de 75 pontos base este ano pela Fed e cortes cumulativos de 100 pontos base pelo BCE.

Numa nota do Goldman Sachs, os analistas do banco (que esperam que o BCE, a Fed e o Banco de Inglaterra, reduzam as taxas pela primeira vez em junho) consideram que “há menos clareza quanto ao ritmo dos cortes nas taxas, especialmente porque os bancos centrais têm sido relutantes em dar orientações com demasiada antecedência”.

Ainda assim acredita que os bancos centrais irão cortar os juros em pelo menos três reuniões consecutivas a partir de junho e “continuarão a cortar consecutivamente em economias como a zona euro e o Reino Unido, onde o crescimento permanece abaixo da tendência. Fonte: Lusa



PEDRO BRAZ

ELEITO UM DOS TALENTOS MAIS PROMISSORES DA EUROPA

Pedro Braz, antigo estudante da Faculdade de Economia da Universidade do Porto (FEP) e cofundador da HelpMeChoose, startup incubada na UPTEC - Parque de Ciência e Tecnologia da Universidade do Porto, integra a edição deste ano da lista dos 30 melhores talentos europeus com menos de 30 anos. A seleção foi feita pela revista Forbes, que distinguiu o empreendedor português na categoria de finanças.

Incubada na UPTEC, a HelpMeChoose desenvolve produtos digitais com o objetivo de analisar serviços e ativos financeiros a nível internacional, tais como corretoras de bolsa, bancos digitais, ETFs, entre outros. A HelpMeChoose foi cofundada com Franklin Carneiro da Silva e conta com empresas como a Saxo Bank, a Wise e a Interactive Brokers na lista de clientes, tendo ultrapassado a marca de um milhão de utilizadores em todo o mundo desde o seu lançamento, em 2021.



Forbes coloca alunos da Faculdade de Economia do Porto no Top europeu

Os alunos da Faculdade de Economia do Porto, na secção de tecnologia, voltaram a destacar-se na edição deste ano dos 30 jovens mais talentosos da Europa com menos de 30 anos “30 under 30”, publicada anualmente pela conceituada revista Forbes.

Chama-se Pedro Braz, é cofundador da HelpMeChoose e foi escolhido pela revista Forbes, na área das finanças, para a lista dos 30 melhores talentos europeus com menos de 30 anos.

Natural do Peso da Régua, Pedro Braz formou-se em Economia na Faculdade de Economia da U. Porto (FEP), onde tirou a licenciatura em Economia, seguindo-se um programa de Fintech na Saïd Business School da University of Oxford, em Inglaterra.

“Ser distinguido pela Forbes é uma honra. Enquanto startup, temos de estar sempre a reinventar-nos e arranjar formas de crescer”, afirma, citado em comunicado da UPTEC.

“Ainda estamos a descobrir o nosso caminho, mas o objetivo global é ajudar as pessoas a tomar melhores decisões financeiras e tornarmo-nos numa referência para quem pretende comparar serviços financeiros internacionalmente”, acrescenta o jovem empreendedor.

Incubada na UPTEC, a HelpMeChoose desenvolve produtos digitais com o objetivo de analisar serviços e ativos financeiros a nível internacional, tais como corretoras de bolsa, bancos digitais, ETFs, entre outros. Foi cofundada com Franklin Carneiro da Silva e já conta com importantes empresas na lista de clientes, tendo ultrapassado a marca de um milhão de utilizadores em todo o mundo desde o seu lançamento, em 2021.

Na lista deste ano, e para além de Pedro Braz, figura o nome de outros dois portugueses: Pedro Gomes, fundador da WalletConnect, também distinguido na área das finanças, e Martim Perestrelo, cofundador da Tether e destacado na categoria indústria.

PRESENÇA HABITUAL NO TOP

No caso da UPTEC não é a primeira vez que empreendedores seus são distinguidos na lista restrita da prestigiada revista internacional. Carlos Lei, da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (FCUP) e cofundador da HypeLabs, Frederico Carpinteiro, da Faculdade de Engenharia (FEUP) e CEO e fundador da Adapttech, foram destacados em 2021.

Em 2020 integraram a lista Bruno Azevedo e Rodrigo Pires, ambos da FEUP e fundadores da Addvolt – spin-off U.Porto e graduada da UPTEC, António Rocha, Gilberto Loureiro e Paulo Ribeiro, da FCUP e fundadores da Smartex – spin-off U.Porto e incubada na UPTEC, e Luís Valente e Joana Paiva, cofundadores da iLof – Intelligent Lab on Fiber, empresa nascida no INESC TEC e incubada na Faculdade de Medicina da U.Porto (FMUP).

Já em 2019, Tiago Sá, da FEUP e um dos fundadores da Wisecrop – empresa incubada na UPTEC –, tinha sido eleito na categoria de empreendedores sociais.



Lisbon MBA entre os melhores da Europa

Lisbon MBA Católica|Nova é o 24.º melhor MBA da Europa e 74.º do Mundo, segundo o prestigiado ranking elaborado pelo Financial Times em 2024. O programa é, ainda, o 5.º MBA da Europa com maior subida, sendo o único em Portugal a estar presente no “Financial Times Global MBA ranking 2024”.

Destacando-se na forte componente internacional, este MBA alcançou o 4.º lugar do mundo no critério de International Course Experience, resultante das parcerias consistentes com escolas de negócio de topo, nomeadamente o programa de imersão no MIT Sloan nos Estados Unidos e os programas de intercâmbio com outros MBAs.

O The Lisbon MBA alcançou a 18.ª posição na Europa relativamente ao indicador de progressão de carreira dos/as seus/as alunos/as, colocando o aumento salarial em 81% três anos após a graduação, com um salário médio anual bruto de 120.575 USD. Este valor foi o 5.º melhor na Europa em termos de progressão

salarial. De salientar ainda que o International MBA obteve um índice de 91% de empregabilidade três meses após a conclusão do programa.

Para o sucesso do programa contribuem também o aumento da diversidade, um foco prioritário do The Lisbon MBA, com uma média de 60% de estudantes internacionais e 40% de mulheres com as mais diversas experiências profissionais e backgrounds académicos, assim como um corpo docente de grande prestígio constituído pelas escolas CATÓLICA-LISBON e Nova SBE que lecionam no MBA, com 40% de professores internacionais.

Para Filipe Santos, Dean da CATÓLICA-LISBON, e Pedro Oliveira, Dean da Nova SBE, “esta posição de topo do The Lisbon MBA reflete o sucesso do programa e a excelente carreira profissional dos seus graduados. Os resultados refletem, também, o sucesso desta parceria que reúne três escolas de renome mundial para colocar Portugal no mapa dos MBAs de excelência, atraindo talentos de todo o mundo para Lisboa. O futuro é construído através do desenvolvimento de talentos e de líderes mais humanos, inovadores e inclusivos, capazes de liderar com propósito. A CATÓLICA-LISBON e a Nova SBE vão continuar a trabalhar para reforçar o seu posicionamento como escolas de negócios de prestígio mundial, trabalhando em parceria com os melhores para continuar a desenvolver um MBA de excelência”.

MULHERES E ESTRANGEIROS EM MAIORIA

Segundo Maria José Amich, Diretora Executiva do The Lisbon MBA, “é com muito orgulho que continuamos a subir a nossa posição a nível mundial, e somos o único MBA em Portugal continuamente presente no prestigiado ranking do Financial Times 2024. Continuamos a expandir as nossas parcerias internacionais e a aumentar a diversidade das turmas, um aspeto fundamental da nossa missão em fomentar o potencial dos nossos alunos como líderes globais e a sua preparação para terem um impacto positivo nas organizações.



A FÓRMULA MÁGICA PARA A CRISE NA CONSTRUÇÃO E NA HABITAÇÃO

O novo Primeiro-Ministro, Luc Frieden, está atento e preocupado com a situação do setor da construção, onde trabalham muitos portugueses, defendendo que o combate a esta crise passa pela resolução de outra crise: a da habitação. Para Luc Frieden, estas duas estão interligadas e fazem parte das prioridades do novo executivo.

Para resolver o eterno problema da habitação, a estratégia assenta em três frentes: no aumento dos terrenos disponíveis para a construção, na aposta na construção de prédios de vários andares, em detrimento das moradias, e na construção de habitações a preço moderado por parte das Comunas. Para acelerar o aumento de casas acessíveis o Governo está a adquirir projetos de habitações ainda em construção, ou a serem construídos. E já há prazos de conclusão.

MAIS TERRENOS PARA CONSTRUIR, MAIS CONSTRUÇÃO EM ALTURA, MAIS HABITAÇÕES SOCIAIS

“Vamos introduzir um certo número de medidas fiscais para encorajar a aquisição e construção da habitação, queremos reduzir os atrasos e procedimentos para haver mais construção” imobiliária, garantiu o novo Primeiro-Ministro. Incentivos estes, que visam aumentar a construção de imóveis, criando ao mesmo tempo um novo fôlego para combater o problema da habitação e da construção civil.

Por **Paula Santos Ferreira** e **Maria Monteiro**

Mais construção irá, “por um lado, ajudar os residentes luxemburgueses, portugueses e de todas as outras nacionalidades a ter habitação, e por outro, ajudar todos os trabalhadores que estão no setor da construção, entre eles muitos portugueses, a continuarem a ter trabalho”, acrescentou o novo Primeiro-Ministro, após ter anunciado várias medidas fiscais para promover habitação já este ano, com



destaque para a introdução de uma amortização acelerada para que as pessoas possam voltar a investir no sector imobiliário, a redução do imposto sobre as mais-valias de modo a incentivar à venda ou o aumento do crédito fiscal.

CONSTRUIR EM ALTURA

Uma das medidas do Governo do Grão-Ducado para promover a habitação acessível passa pela construção de novos alojamentos nas diversas comunas. Dos projetos que têm vindo a ser apresentados, têm-se destacado os empreendimentos com apartamentos, ou seja, a construção em altura, que contrastam com a paisagem urbana do Luxemburgo, composta ainda em grande parte por casas unifamiliares.

Em entrevista ao Paperjam, o Primeiro-Ministro explicou até que ponto o objetivo de construir mais habitações pode pôr em causa uma das características arquitetónicas do país que os habitantes tanto apreciam, a casa unifamiliar.

Reconhecendo que poderá haver um aumento dos blocos de apartamentos, Luc Frieden rejeitou a ideia de o Grão-Ducado passar a ter torres habitacionais, garantindo que o objetivo é manter a harmonia da paisagem luxemburguesa.

“Penso que no Luxemburgo haverá sempre tanto casas unifamiliares como blocos de apartamen-

tos. Mas quando há mais pessoas a viver numa determinada área, é lógico que o número de casas com apartamentos aumente em relação ao número de casas isoladas”, afirmou.

No entanto, o Primeiro-Ministro assegurou que não vão ser construídas “torres de apartamentos que se veem nas grandes cidades do estrangeiro”. “Vamos limitar-nos a edifícios que se integrem bem na paisagem tradicional”, sublinhou.

LUXEMBURGO VIVIA EM CASAS “DEMASIADO GRANDES”

De acordo com um estudo do Eurostat, de 2020, mais de metade da população do Luxemburgo vivia em casas “demasiado grandes”, ou seja, em habitações com um número excessivo de quartos face às suas necessidades. O país ocupava o sétimo lugar da lista de Estados-membros nessa situação, com uma percentagem de 53,7%, acima da média comunitária de 33%.

No último ano, a venda de moradias no Luxemburgo caiu drasticamente. No terceiro trimestre de 2023, vendeu-se quase metade (47,3%) das moradias em comparação com o período homólogo, segundo um relatório do Observatório da Habitação, que fez um balanço da evolução do setor em junho, julho e agosto.

Neste segmento, “constituído

principalmente por casas existentes”, foram efetuadas apenas 404 vendas, uma descida acentuada face às 940 vendas do terceiro trimestre durante o período de 2017 a 2019, de acordo com o documento.

MAIS DE 800 HABITAÇÕES A PREÇOS ACESSÍVEIS

A habitação a preços acessíveis é uma das prioridades do Governo, como já o afirmaram repetidamente o primeiro-ministro Luc Frieden e o Ministro da Habitação Claude Meisch.

Com apenas 2% do seu parque habitacional dedicado a este tipo de habitações, o Luxemburgo é um dos países da Europa com menos alojamentos sociais, muito longe do objetivo estabelecido por Antoine Paccoud, investigador do Luxembourg Institute of Socio-Economic Research (Liser): 15% a 20%.

A aposta na compra de projetos de habitação ainda em construção ou a construir no futuro tem sido defendida há anos por especialistas, dado que acelera o processo de colocação no mercado de mais habitação, nomeadamente habitação para venda ou arrendamento a preços acessíveis. Em vez de passar pelas diligências de compra e licenciamento, estes projetos VEFA, saltam estas etapas.

Este é o caminho que o Governo está a seguir. O Ministro da Habitação, Claude Meisch, venceu isso mesmo numa resposta parlamentar recente: A atribuição de orçamento de quase quinhentos milhões de euros para compra de projetos Vefa para construção de centenas de habitações.

“Um orçamento de 480 milhões de euros acaba de ser afetado às aquisições do VEFA, o que representa cerca de 800 unidades habitacionais. O Ministério analisará cada projeto apresentado, a fim de garantir que o mesmo satisfaz os seguintes critérios de tipologias e preços das habitações, de acordo com o caderno de encargos do Ministério da Habitação e do Ordenamento do Território pelo comité interno CAL29”, escreve o ministro na resposta à questão levantada pelo deputado David Wagner, do Déi Lénk.

TODAS AS HABITAÇÕES A PREÇOS ACESSÍVEIS

“Todas as habitações que o Estado adquirirá no âmbito do programa VEFA serão destinadas a arrendamento a preços acessíveis”, declarou um dos assessores do Ministério da Habitação. Atualmente, o Estado já adquiriu vários projetos Vefa e negocia outros.

Claude Meisch informa que foram já “assinados seis contratos

de reserva para um total de 170 unidades habitacionais, por cerca de 110 milhões de euros”, sendo o Fond de Logement (Fundo de Habitação) e a Société Nationale des Habitations à Bon Marché (SNHBM), os promotores públicos, com 85 unidades habitacionais cada.

“Prevê-se que duas unidades estejam disponíveis no 2º semestre de 2024, sete unidades no 2º semestre de 2025 e oito unidades no 3º semestre de 2025. Outras 76 estarão disponíveis durante 2027 e as restantes 85 unidades habitacionais estarão disponíveis no 1º semestre de 2028”, explica o ministro.

Mas há mais. Outros oito projetos Vefa, envolvendo 284 unidades habitacionais adicionais foram apresentados ao Ministro das Finanças para aprovação.

E mais sete projetos suplementares para “88 unidades de habitação estão em preparação na comissão interna CAL29”, adianta Claude Meisch.

Ao mesmo tempo que as construções avançam, o ministério está a informar os promotores e construtores do seu interesse em adquirir estes projetos de habitação ainda em construção ou por construir ainda. Tudo isto, lembra o ministro faz parte do “primeiro pacote de medidas para estimular o mercado da habitação, adotadas pelo Conselho de Governo em 31 de janeiro de 2024”.



90% do território luxemburguês está despovoado

O Luxemburgo é um dos territórios mais pequenos da Europa, mas a população distribui-se de forma muito desigual pelos seus 2.586 km². Um novo estudo do Instituto Nacional de Estatísticas (STATEC) revela que 41% da área do país não está urbanizada, ou seja, não tem residentes.

Com a falta de habitação no país não poderiam estas áreas desertas ser urbanizadas? Não.

“Trata-se sobretudo de zonas agrícolas e florestais, onde a construção de edifícios habitacionais é geralmente proibida”, nas regiões centro e norte do país, explica o Statec. Também as áreas ao longo das fronteiras nacionais estão praticamente desabitadas, acrescenta este estudo sobre a distribuição territorial do país analisada ao km².

“A esmagadora maioria do território (89,5%) está completamente desabitada ou pouco densamente povoada”, revela o estudo que dividiu todo o país em 2.795 células de 1x1 km e analisou a densidade populacional de cada uma.

E, se o centro e norte são desertos ou pouco habitados, já o sul do país está sobrepovoado, concentrando a maioria dos 643 941 habitantes do Grão-Ducado, segundo os dados do Census de 2021.

O CERTIFICADO QUE PERMITE BAIXAR AS TAXAS DE JURO NO LUXEMBURGO

Nos créditos à habitação há um fator fundamental na casa que vai comprar que permite negociar prestações mais reduzidas no Luxemburgo.

Por **Paula Santos Ferreira** e **Maria Monteiro**

Entre os vários fatores que valorizam um imóvel para venda há um em particular que leva as próprias entidades bancárias a oferecer taxas de juro mais benéficas no crédito à habitação. Trata-se do certificado energético do imóvel com as melhores classificações A e B.

Este atestado é obrigatório para todos os imóveis (residenciais e outros) e avalia a sua eficiência energética, cuja classificação A é dada à melhor otimização energética e a I à mais baixa.

“O certificado energético de um imóvel é cada vez mais importante na definição das taxas de juro pelos bancos” no crédito à habitação, sublinha o relatório do site imobiliário atHome sobre os preços da venda e arrendamento no país.

BOM PASSAPORTE ENERGÉTICO

Os certificados energéticos superiores (A e B) “geralmente obtém uma taxa preferencial em comparação com outros imóveis no mercado com classificação mais baixa”, indica o documento.

“Alguns bancos oferecem mesmo a redução da sua taxa de juro se os compradores concordarem em realizar obras de renovação energética, o que provavelmente modificará o certificado energético do imóvel”, subindo assim a sua eficiência energética, adianta a atHome.

Esta redução da taxa de juro

dos empréstimos à habitação com atestados energéticos superiores faz todo o sentido para Nuno Freitas, agente imobiliário da Remax Premium, em Ingeldorf.

MENOS CONSUMO DE ENERGIA

Apartamentos e moradias com boa eficiência energética, com painéis solares, bom isolamento térmico e sistema de aquecimento, por exemplo, permitem a “redução do consumo de energia mensal” por vezes até metade do valor em relação aos outros imóveis, ganhos que somados aos anos das hipotecas à habitação, fazem com que os bancos possam oferecer taxas de juros mais favoráveis, explica este agente imobiliário.

Contudo, apenas os apartamentos novos ou muito recentes é que já possuem essa eficiência energética, que lhes oferecem certificados energéticos superiores.

“Quanto mais antiga for a casa, pior classificação tem e há situações estruturais que impedem obras de renovação para a subida aos melhores escalões do certificado energético, diz Nuno Freitas. “Mas se numa casa com atual classificação I se conseguir passar para a classificação F, já é muito bom”, exemplifica.

APOIOS ATÉ 160 EUROS POR M2

A sustentabilidade é cada vez mais uma prioridade para os proprie-

tários do Luxemburgo, fruto da crescente consciência ambiental que se vai formando entre os cidadãos e das diversas políticas de transição ecológica e energética implementadas pelo Governo.

O Pacote Banco Climático e Habitação Sustentável, aprovado em 2017, determina, entre outras medidas, subsídios para apoiar a sustentabilidade na construção de uma casa e a instalação de equipamentos técnicos que priorizem as energias renováveis. Com um foco significativo nas políticas climáticas, o Governo disponibiliza subsídios para a construção de habitação sustentável que podem chegar aos 160 euros por m2.

QUEM PODE PEDIR ESTE APOIO?

São elegíveis para este apoio particulares, empresas de direito privado e empresas de direito público, exceto o Estado.

O pedido pode ser apresentado pelo representante legal de um grupo de particulares ou privados, desde que ele faça parte desse grupo.

Pode ser, ainda, apresentado pelo(s) proprietário(s) da casa, salvo nos casos de mudança de titular, em que o novo proprietário renuncie ao apoio a favor do anterior, que fez os investimentos.

PARA QUE TIPOS DE HABITAÇÃO?

Este subsídio abrange casas uni-



subsídio cobre uma área de 150m2 e é de 160 euros por m2. Já nos apartamentos dividem-se em duas categorias: os que têm uma área de referência energética inferior ou igual a 1.000m2 e os que vão além desse valor.

No primeiro caso, as superfícies de até 80m2 têm direito a um subsídio de 140 euros por m2 e as que se situem entre 80 e 120m2 podem receber 85 euros por m2. No segundo, as áreas nos mesmos intervalos são abrangidas por um apoio de 100 euros e de 55 euros por m2.

COMO E ONDE FAZER O PEDIDO?

Os pedidos para este apoio devem ser feitos online, após o término das obras, através do site ou app do MyGuichet.lu, por correio ou presencialmente no Balcão Único de Apoios à Construção, no prazo de quatro anos a partir de 31 de dezembro do ano civil a que a fatu- ra se refere. Esta deve estar datada entre 1 de janeiro de 2017 e 31 de dezembro de 2024, inclusive, e o pedido deve ser feito, no máximo, até 31 de dezembro de 2026.

Além do formulário propriamente dito, são exigidos vários documentos como uma cópia da autorização de construção, um certificado de desempenho energético, entre outros. A lista completa pode ser consultada no site do MyGuichet.lu.

familiares ou habitações inseridas num complexo de apartamentos, cuja licença de construção tenha sido solicitada entre 1 de janeiro de 2017 e 31 de dezembro de 2021.

Adicionalmente, a habitação tem de cumprir determinados critérios técnicos. Concretamente, é preciso obter 60% da pontuação existente para 46 requisitos relacionados com sustentabilidade, ecologia, instalações técnicas ou funcionalidade.

QUAIS OS VALORES DO SUBSÍDIO?

Os apoios atribuídos são calculados com base na superfície de referência que consta do certificado de desempenho energético da casa.

Nas habitações unifamiliares, o

A aplicação de transporte mais popular do mundo chega ao Grão-Ducado numa parceria com a WEBTAXI. Governo luxemburguês deu luz verde à operação.

UBER CHEGA AO LUXEMBURGO

A plataforma Uber vai começar a operar no país a partir do mês de junho. Nas próximas semanas vão ser acertados todos os contornos da operação, que resulta de um acordo assinado pela Uber com a WEBTAXI.

Uma das questões que mais interessa aos utilizadores é relativa aos preços que serão cobrados. “Ainda não sabemos qual será o bom preço para o mercado luxemburguês, porque temos de encontrar o equilíbrio entre o interesse do passageiro, que pretende pagar menos, e o do motorista, para quem o preço deverá ser aceitável”, sublinha Laurent Slits, diretor da Uber. “Pretendemos ter o preço mais competitivo possível”, sublinha Emile Weber Jr, membro do conselho de administração da WEBTAXI.

Mas num dos países com os táxis

mais caros do mundo, um dos efeitos desta entrada da Uber no mercado será a descida do preço da fatura para quem anda de táxi. Isto porque em todas as viaturas disponíveis na aplicação vai deixar de ser utilizada a tarifa fixa. “Vamos utilizar uma tarifa dinâmica em função da oferta e da procura, variando os preços para equilibrar permanentemente essa relação”, sublinha o representante da Uber.

O preço da viagem vai passar a ser determinado com base na fórmula utilizada pela plataforma Uber em todo o mundo: essa mesma relação entre a oferta e a procura. Quanto mais táxis houver disponíveis àquela hora e naquele local, mais baixo será o preço. Se, pelo contrário, estiverem muitas pessoas à procura de táxi num determinado sítio, à mesma hora, e se houver poucos veículos

disponíveis, o preço sobe.

“Mas nada vai mudar nas condições de trabalho dos motoristas, vão continuar a trabalhar com o mesmo patrão e a ter acesso à segurança social, porque para a UBER é importante que a legislação luxemburguesa seja respeitada”, garante Laurent Slits. A Uber, que foi criada em 2010, realiza cerca de 47 mil milhões de viagens por ano, em mais de 50 países.

É um gesto automático para muitos dos estrangeiros que aterram no Luxemburgo, abrir a aplicação da Uber para tentar chamar um carro disponível para chegarem ao seu destino. Uma tentativa sem sucesso, porque a plataforma não estava disponível no Luxemburgo. De acordo com a UBER cerca de 150 mil pessoas por ano tentam aceder à aplicação no Grão-Ducado.

AVAL DO NOVO GOVERNO

O acordo de coligação CSV/DP previa que a Uber tivesse luz verde para se estabelecer no Luxemburgo, posição muito diferente da do anterior do governo, que pretendia desenvolver uma plataforma própria com um conceito semelhante. Com a mudança de governo, a chegada da Uber ganhou nova força, acabando por concretizar-se.

Mas nem todos vêm esta notícia com bons olhos. É o caso da Fédération des Taxis (Federação dos Táxis) que já por várias vezes manifestou a sua preocupação. “Se for apenas uma questão de trazer novos motoristas com carros em segunda mão e duplicar a oferta no Luxemburgo, é um desastre para o setor”, afirmou Paulo José Leitão, presidente da Federação.



O curioso perfil do gestor que trouxe a Uber para o Luxemburgo



Emile Weber Jr tem apenas 26 anos, gosta de jogar futebol e tem uma relação especial com Portugal e com os portugueses.

Por **Madalena Queirós**

O gestor Emile Weber Jr., que faz parte do grupo que trouxe a Uber para o Luxemburgo, já tem o destino de férias de verão definido. Vai seguir viagem para Portugal, para a região do Porto, de onde é originário um dos seus amigos portugueses. Admite que é adepto do Futebol Clube do Porto e gostou dos resultados das eleições para a direção do clube. “Já era tempo de mudar”, diz. É, também, uma questão de fidelidade à cor

azul. Aos fins de semana treina no Futebol Clube de Canach, que também tem o azul como cor dominante na sua bandeira.

Com um mestrado em gestão de empresas na Essec, uma das mais reputadas escolas de negócios francesas, fez a sua licenciatura na Universidade de Nancy, depois de completar o ensino secundário no Liceu Athénée, que também tem o azul no seu símbolo.

O gosto pelos transportes corre-

-lhe nas veias. Desde pequeno que viveu nos corredores da empresa de família, a Emile Weber, uma organização centenária. Hoje em dia há elementos de três gerações na gestão da empresa e Emile representa a mais jovem.

A par disso, o empresário está desde setembro na WEBTAXI, criada pela Emile Weber, onde entrou mal terminou o mestrado. Membro do conselho de administração da WEBTAXI, dá a cara por um dos projetos mais audaciosos da empresa. “A ideia de contactar a Uber nasceu de uma conversa com um grupo de trabalho onde estava Michel Craveiro, português, CEO da WEBTAXI”, recorda. Nas viagens ao estrangeiro habituaram-se a ver a Uber operar e já era tempo de a trazer para o Luxemburgo.

A Emile Weber, sedeadada em Canach, nasceu em 1875 com apenas uma diligência (carruagem puxada a cavalos). A companhia é atualmente dirigida pela quinta geração Weber-Heinisch. Uma história de família que se confunde com a evolução dos transportes no Luxemburgo.

Atualmente, a empresa é dirigida por quatro gestores: Fernand Weber, que tem a seu cargo as infraestruturas e as finanças, Emile Weber com os recursos humanos e a informática, Roland Heinisch com a parte técnica e a frota e Fernand Heinisch, responsável pelo turismo e as vendas.



Gerry Huberty

Tram vai chegar a cinco novas paragens este verão

Todos os anos, o sistema escolar luxemburguês acolhe cerca de 4.000 estrangeiros. A partir de este ano letivo, um serviço especializado irá ajudar a integrá-los.

Por **Maria Monteiro**

Já falta pouco para poder apanhar o tram até ao Stade du Luxembourg (Estádio do Luxemburgo). O novo troço da linha até à Cloche d’Or vai começar a operar a 7 de julho e vai servir cinco novas paragens, incluindo dois terminais intermodais (*): Scillas, Howald Gare (*), Lycée Vauban, Waasserteurm e Stadion (*).

Depois de a extensão, que ligará o centro da capital ao estádio, estar operacional, a Luxtram prosseguirá os trabalhos em direção ao aeroporto do Findel, onde se prevê que a linha chegue no início de 2025, segundo o comunicado divulgado pelo Ministério da Mobilidade e Obras Públicas.

PRIORIDADE PARA LIGAÇÕES COM ZONAS RESIDENCIAIS

No plano de mobilidade, está a “ser dada especial atenção à ligação das grandes zonas residenciais, existentes e futuras, com a rede de transportes públicos”, declarou Lydie Polfer, burgomestre da Cidade

do Luxemburgo. Esta estratégia foi confirmada por Yuriko Backes, ministra da Mobilidade: “A ordem de prioridades apresentada significa que podemos concentrar-nos primeiro nas zonas residenciais existentes, na futura estação periférica de Hollerich e na inserção do tram rápido na rede urbana”.

Depois, o “tram continuará o seu percurso através da Cidade [do Luxemburgo] em direção aos municípios vizinhos e ao sul do país”, resumiu Yuriko Backes. O novo eixo norte-sul, que percorrerá a route d’Esch, permitirá que os bairros existentes, como Belair, Hollerich, Cessange, Gasperich e Cloche d’Or, fiquem bem ligados à rede, refere o Ministério.

Paralelamente, quando chegar à route d’Arlon, o tram servirá os locais previstos para os projetos Wunnquartier Stade, les Arquebustiers, o CHL e a Étoile.

Em 2035, espera-se que a rede de tram tenha duplicado a sua capacidade, passando a transportar 200 mil passageiros por dia. A circulação deverá ser feita a cada 3 a 4 minutos no centro da capital e a cada 6 a 8 minutos nos outros bairros.

Depois dessa data, se os planos de desenvolvimento se concretizarem, a rede de tram poderá ser completada com a construção de um prolongamento do boulevard de Merl/Cessange e de um troço do boulevard Royal/avenue de la Porte-Neuve.



O CHINÊS QUE CONQUISTOU A EUROPA

Para os mais distraídos o irresistível Polestar branco que passeia elegantemente pelas estradas luxemburguesas é uma nova marca ligada à Volvo. Que por sua vez pertence à construtora chinesa Geely, onde estão situadas as unidades de produção. Mas destruindo todos os preconceitos, o novo Polestar 4 não só é um hino ao design como é, muito provavelmente, um dos melhores veículos elétricos do mercado.

Apostada em reforçar a sua gama de veículos elétricos, após o sucesso conquistado com a berlina Polestar 2 e o SUV Polestar 3, a construtora chinesa vai começar a comercializar este ano o novo Polestar 4.

A mais recente criação da marca que, tal como a Volvo, pertence aos chineses da Geely, é definida como um SUV coupé. Mas na realidade surge mais como um crossover, um SUV mais esguio e baixo, com vantagens em termos aerodinâmicos.

O Polestar 4 é concebido sobre a mesma plataforma SEA (de Sustainable Experience Architecture) do Polestar 3, anunciando uma distância entre eixos ligeiramente superior (2,999 metros em vez de 2,985 m) e uma bitola um pouco mais curta por questões mais estéticas do que

outras (4,839 m contra 4,900 m).

O facto de assumir umas linhas mais fluidas e menos volumosas permite ao Polestar 4 exibir uma altura de somente 1,544 m, em vez dos 1,614 m do Polestar 3. Isto traduz-se num Cx de 0,27, em vez de 0,29 do 3, o que lhe trará vantagens no consumo e autonomia. Curiosamente, apesar de ser mais curto, o 4 oferece uma bagageira superior ao 3, com 500 litros em vez de 484.

BIMOTOR COM 544 CV E 600KM DE AUTONOMIA

Ao contrário do Polestar 3, que fazendo justiça ao seu estatuto de SUV apenas está disponível com um motor por eixo para garantir tração 4x4, o Polestar 4 pode montar um só motor atrás, com 272

cv, ou um em cada eixo de forma a atingir 544 cv, potência mais que suficiente para satisfazer a generalidade dos clientes e, ainda assim, superior à disponibilizada pelo Polestar 3, cujas duas versões oscilam entre 489 cv e 517 cv.

Para alimentar a mecânica, o Polestar 4 é ligeiramente mais medido em capacidade de bateria, face ao 3, mas ainda assim disponibiliza um acumulador generoso, com 102 kWh de capacidade total e 94 kWh úteis, recarregáveis a 200 kW em corrente contínua (DC) e a 22 kW em corrente alternada (AC). Isto permite-lhe recarregar depressa e anunciar 600 km em WLTP na versão menos potente com tração traseira, para o Polestar 4 mais potente e com dois motores anunciar 560 km entre recargas.



A PEÇA QUE FALTA

Mas o elemento mais distintivo do Polestar 4 é a peça que falta. Referimo-nos ao vidro traseiro, elemento transparente a que já nos habituámos e que permite ao condutor ver o que se passa atrás de si, mas que reduz igualmente a sensação de claustrofobia de quem ocupa o banco traseiro, quando, ocasionalmente, desejar olhar para trás. O construtor compensa o condutor com uma câmara instalada no tejadilho, que projeta no ecrã que substitui o retrovisor interior tudo o que se passa atrás do veículo.

A REVOLUÇÃO PORTUGUESA VISTA DO LUXEMBURGO

Pela primeira vez na história, um dos mais importantes museus do Luxemburgo organiza uma exposição única sobre o 25 de Abril. Uma forma de comemorar os 50 anos da revolução portuguesa. É uma homenagem aos portugueses que representam a maior comunidade de estrangeiros no Luxemburgo. Um retrato do antes e depois do 25 de Abril que pode ser visto até 5 de janeiro do próximo ano. A exposição reúne imagens, vídeos, depoimentos e objetos que evocam um dos períodos mais importantes da história portuguesa. Estão reunidos na exposição patente em vários pisos do Museu Nacional de Arqueologia, História e Arte. Uma exposição que, obviamente, não podia deixar de fora a imigração em massa dos portugueses, que marca a relação entre os dois países.

Por **Madalena Queirós**, contacto

Para marcar os 50 anos do 25 de Abril de 1974, que acabou com a ditadura e abriu caminho à democracia em Portugal, o Museu Nacional de Arqueologia, História e Arte organizou uma grande exposição sobre o acontecimento “que é parte integrante da história de muitos residentes do Grão-Ducado com raízes em Portugal”.

UMA HOMENAGEM À HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO PORTUGUESA NO LUXEMBURGO

Por **Madalena Queirós**, *Contacto*

Em 1974 estavam 20 mil portugueses no Luxemburgo, de acordo com os números oficiais. Mas, na realidade, a comunidade portuguesa deveria ser muito maior, porque muitos estavam clandestinos. “Cerca de 80% dos imigrantes portugueses chegavam a salto”, explica Régis Moes, um dos comissários desta exposição comovente.

“Mas porque havia uma grande necessidade de mão de obra eram regularizados rapidamente”, acrescenta. Em frente à estação de comboio da capital luxemburguesa, do outro lado da rua, estavam as empresas de construção ávidas de trabalhadores. “Chegavam de manhã e a seguir ao almoço já estavam a trabalhar”, recorda.

Mas havia também uma preocupação de equilibrar a pirâmide

demográfica.

“Nos anos sessenta, o governo luxemburguês receava pelo futuro do país porque os luxemburgueses estavam a ter poucas crianças”, descreve. E fez um acordo com Portugal para promover a imigração de trabalhadores portugueses. Através dele a agência de emprego luxemburguesa, antiga ADEM, enviava as ofertas de trabalho para recrutar em Portugal. Muitas vezes estes trabalhadores acabavam por assinar o contrato antes de seguirem viagem para o Grão-Ducado.

Mas havia também a emigração ilegal. “Já havia redes e passadores que colocavam estes portugueses em casas com muito poucas condições. E muitos acabavam por ficar em casas antigas e degradadas. Mais tarde, o governo começou a construir habitações para albergar as famílias

portuguesas”, descreve.

Na exposição há uma grande fotografia que ocupa uma parede que mostra Gaston Thorn, primeiro-ministro luxemburguês, num encontro com Marcelo Caetano em que é renegociado este acordo de imigração. “Em 1972, há uma renegociação deste acordo de mão de obra. Portugal pede que seja aplicado a Portugal, Açores e Cabo Verde. Os luxemburgueses pedem, pelo seu lado, que não sejam recrutados negros, alegando que não poderiam integrar-se na sociedade luxemburguesa”, salienta.

Uma discriminação estrutural que afetava também a comunidade portuguesa. “Para além dos anúncios nas montras dos cafés que proibiam a entrada a cães e negros, também havia alguns estabelecimentos que escreviam: “Interdito a portugueses”, sublinha.

“Temos 14 testemunhos em português e francês mostrados nos ecrãs que estão numa das salas da exposição, mas não havia muita gente ativa politicamente no Luxemburgo”, esclarece Isabelle Maas, outra das curadoras da exposição.

Há também um corredor escuro e, ao fundo, pode ver-se uma gravação de um dos mais emblemáticos discursos de Salazar. Nas paredes há inscrições com tudo o que era proibido fazer durante os mais de 40 anos da ditadura.

Para mostrar a abertura do pós-25



de Abril, “há imagens da época e uma instalação multimédia em que é possível viver 1.º de Maio de 1974, que levou cerca de dois milhões de pessoas às ruas”.

“Depois há também fotos de pessoas que foram fazer turismo revolucionário”, descreve Isabelle Maas. “Muitos jovens de movimentos de esquerda, maoistas e trotskistas, católicos progressistas, que foram a Portugal participar no processo revolucionário e também professores que queriam aprender português para poder falar com os pais dos seus alunos”, acrescenta Régis Moes.

Entre a comunidade portuguesa também crescia o receio sobre o rumo que Portugal estava a tomar. “Mostramos um artigo do Luxemburger Wort que fala da iminência de uma guerra civil em Portugal e mostramos uma carta escrita a Mário Soares por uma dirigente política luxemburguesa da época, a pedir explicações sobre o que se estava a

comboio. Ao fundo desse corredor há um ecrã onde é difundido um dos mais emblemáticos discursos de António de Oliveira Salazar em que enuncia a máxima que fica para a história: Deus, Pátria e Família.

Esta exposição é uma viagem ao passado, mas também deixa um aviso para o futuro. “Pretendemos mostrar o que significa viver numa ditadura, um tema que parece estar esquecido”, alerta Régis Moes. Para que episódios de poder autoritário não se voltem a repetir. “Queremos também despertar a memória dos que viveram nessa época para que contem como era às gerações mais novas e falem sobre o que aconteceu”, sublinha.

Outra das missões “é desmistificar o preconceito que existe em relação aos portugueses, para que deixem de ser vistos apenas como quem vem para o Luxemburgo à procura de dinheiro”, diz. “Porque, sem os portugueses, o Luxemburgo não teria este desenvolvimento económico e as pensões há muito que deixariam de ser pagas”, recorda.

Dos testemunhos que recolheram, um dos que mais marcou Régis Moes “foi a descoberta de uma célula de resistência no Luxemburgo, em 1971, que roubou passaportes na embaixada para fazer documentos falsos para os combatentes clandestinos e mostramos alguns deles na exposição”.

Já Isabelle Maas recorda o testemunho “de alguém que veio a salto, tendo chegado uma semana depois do início da guerra colonial. Quando chegou à Gare, a polícia reenviou-o para França, mas quando o comboio ia a entrar na estação de Bettembourg, ele saltou, apanhou um táxi e regressou à capital luxemburguesa, onde está até hoje”.

O primeiro-ministro luxemburguês foi a primeira personalidade a visitar a exposição “A revolução de 1974”, no Museu . O líder do executivo do Grão-Ducado percorreu a exposição, ouvindo atentamente as explicações dos organizadores. E, no final, sublinhou que os portugueses são um povo especial para o Luxemburgo.

LUC FRIEDEN: “REVOLUÇÃO EM PORTUGAL REPRESENTA OS VALORES PELOS QUAIS TEMOS DE LUTAR TODOS OS DIAS”

Por **Madalena Queirós**, *Contacto*

Para Luc Frieden, a revolução do 25 de Abril representa valores como a “liberdade, democracia e direitos humanos que não estão garantidos na Europa”.

Comentando a subida da extrema-direita nas intenções de voto dos europeus disse esperar que os partidos do centro sejam os vencedores das próximas eleições europeias. “Porque os partidos extremos propõem soluções que são muitas vezes impraticáveis”, sublinhou.

Quanto à polémica da migração na Europa, sublinhou que os acordos de migração, assinados entre Portugal e o Luxemburgo, em 1971, “são uma solução inteligente que poderá ser uma inspiração para

outros acordos de migração organizada, a celebrar com outros países”.

O que achou desta exposição sobre a revolução portuguesa e porque quis visitá-la?

Penso que esta exposição é extremamente impressionante, em dois aspetos. Em primeiro lugar, porque representa a chegada da liberdade e da democracia a Portugal, valores que partilhamos na Europa. Por outro lado é, também, impressionante, porque sublinha a ligação entre a comunidade portuguesa, tão importante aqui no Luxemburgo, que viveu a Revolução de uma forma diferente porque estava fora de Portugal. É uma exposição muito instrutiva. Parabéns aos organizadores!

O presidente francês, Emmanuel Macron, referiu-se à revolução portuguesa como um acontecimento importante para a democracia na Europa. Partilha desta opinião?

Sem dúvida, porque a Revolução em Portugal representa os valores pelos quais temos de lutar todos os dias: a liberdade, a democracia e os direitos humanos. Valores que conseguimos garantir no seio da União Europeia (U.E). É por isso que nos congratulamos, que depois da revolução, os portugueses, tenham aderido rapidamente à União Europeia. A UE, para além do amor que os luxemburgueses têm pelos portugueses, é a partilha desses princípios e valores que não estão garantidos, por exemplo, na Ucrânia e noutros lugares.

Nos 50 anos do 25 de abril foram eleitos 50 deputados do Chega, um partido de extrema-direita nas legislativas portuguesas. Este é um fenómeno que o preocupa?

Os extremos são sempre maus para a convivência (Vivre Ensemble). Porque os partidos extremos propõem soluções que são muitas vezes impraticáveis. Para que haja a convivência (Vivre Ensemble) é preciso reforçar os grandes partidos democráticos do centro, porque são eles que procuram soluções realistas para os problemas das pessoas. E, por isso, espero que



também nas eleições europeias, os partidos do centro, pró-europeus, que trabalham em conjunto pela liberdade e pela democracia, vençam. Esperemos que estes valores representados pela Revolução dos Cravos saiam vencedores.

Durante a exposição elogiou o acordo de migração entre Portugal e o Luxemburgo, assinado em 1971, considera que poderá um acordo semelhante poderá ser firmado com outros países?

Penso que foi um acordo inteligente, porque organizou a migração de uma forma regular. Sabemos que a Europa precisa de mão de obra. Mas a migração nunca deve ser caótica, porque isso leva a reticências por parte das pessoas que vivem

num determinado país. Para além da migração, feita através dos pedidos de asilo e de pessoas provenientes de zonas de guerras, vítimas de perseguições políticas que devem ser protegidas, é possível organizar a migração feita por motivos económicos. Penso que o acordo assinado pelo Luxemburgo com Portugal, em 1971, pode ser uma inspiração para outros acordos de migração organizados com outros países. Penso que, para além deste acordo, Portugal e o Luxemburgo eram países que já se conheciam e que, por isso, garantiam que a integração iria correr bem, como podemos testemunhar atualmente.

Na exposição há depoimentos de portugueses que dizem ter sido

vítimas de discriminação nas décadas de sessenta e setenta no Luxemburgo, mas os estudos revelam que esse fenómeno continua a existir. O que pode ser feito para o combater?

Penso que a Convivência (Vivre Ensemble) em qualquer comunidade é sempre um desafio e o governo fará tudo para garantir que possamos viver numa sociedade em que não haja discriminação. E isto não é algo que se possa decretar. É algo que tem de ser vivido. E como premissa, quero dar o meu contributo para que as pessoas, e em particular as comunidades portuguesas e outras comunidades, possam viver bem com os luxemburgueses. Precisamos uns dos outros.

No Porto, o sucesso do golpe militar de 25 de Abril muito se deve à acção de um capitão, desde sempre ligado às Operações Especiais. Delgado Fonseca saiu de Lamego, com o objectivo de tomar a sede da PIDE/ DGS. Fez muito mais que isso. E, por estranho, foi a única coisa que não fez. A Operação Fim de Regime, no Porto, contada por um capitão especial, sob circunstâncias especiais.

O 25 DE ABRIL NO NORTE. MEMÓRIAS DA REVOLUÇÃO

Por **Luís Pedro Cabral**



Porém, dados recentes mostram que no teatro da guerra colonial há tanto tempo, como este capitão, só havia duas conclusões a tirar, formando ambas uma enorme contradição: “O Regime jamais assinaria os termos da sua rendição. E a vitória era impossível”. Velhos generais, novos capitães, separados por 13 anos de uma guerra que nasceu ingloria. “O potencial militar e económico estava esgotado, toda a comunidade internacional nos rejeitava, as armas dos inimigos eram melhores que as nossas”.

António Dinis Delgado Fonseca, natural de Vila Garcia, concelho de Trancoso, que se reformou Coronel de Artilharia, após um longo trajeto na democracia que se instaurou com uma boa parte do seu suor, fez a primeira comissão em Timor, entre 1966 e 1968, quando ainda era alferes. Comparada com as comissões que aí vinham, com a patente de capitão, foi uma espécie de piquenique ultramarino.

Em 1969, comandou a companhia de Artilharia 2626, no leste de Angola. “Quando terminei esta comissão, fui apanhado numa reviravolta. Já estava no barco no porto de Luanda, para rumar a Portugal, quando fui chamado pelo general Costa Gomes à uma da manhã, antes da maré alta. O Estado-Maior fez-me um briefing da situação na região e mandou-me para Cabinda”.

Em Cabinda, que encontrou em polvorosa, com a declaração de independência da FLEC – que havia transformado a região, mais que nunca, num enclave –, o capitão Delgado Fonseca comandou as Tropas Especiais (nativas), entre 1971 e 1973. Nesse último ano, “já estava integrado no Movimento das Forças Armadas, no Movimento de capitães, digamos assim. Fui o elo de ligação entre o MFA de Luanda e os oficiais que estavam em Cabinda. Quem recebia os comunicados e os distribuía e devolvia a informação era eu”.

O MFA, digamos assim, era a consequência lógica das circunstâncias. E estas, da diplomacia ao soldado tombado, eram as de uma derrota iminente. Para resumir: “Estávamos praticamente no limite da debandada. E ninguém era capaz de fazer alguma coisa. Nem os políticos tomavam uma decisão, nem os generais. Até pela forma como tinha sido organizada, os capitães eram os manda-chuva desta guerra. Eram os capitães que faziam a guerra”.

Por tudo isto, “tivemos de ser nós a organizar a retirada. Qualquer derrota sem uma retirada estratégica é o pior que pode acontecer a um exército. Se tínhamos sido derrotados no terreno, sem uma retirada programada, tinha sido um cacau do caraças. Como é que se tirava de lá aquela malta toda? O 25 de Abril, antes do mais, foi uma retirada estratégica da guerra”.

A sua, concretizou-se formalmente a 20 de Dezembro de 1973, quando completou três comissões seguidas, para assumir o comando da Bateria de Artilharia Antiaérea de Leixões. “Antes de ter ido para o Ultramar, a minha ‘guerra’ tinha sido sempre em Lamego, no Centro



de Instrução de Operações Especiais (CIOE), onde ministrei nove cursos de Operações Especiais”.

Era inevitável. A sua rota militar havia de cruzar-se de novo com Lamego. No dia 15 de Março de 1974, 14 oficiais do quadro permanente do CIOE, sublevam-se contra o comandante da unidade, por este não ter transmitido superiormente o seu protesto pelas exonerações dos generais Francisco da Costa Gomes e António de Spínola. O Golpe das Caldas precipitou-se.

Naturalmente, o CIOE ficou sem quadros. E foi assim “que foi ordenado o meu deslocamento para Lamego”. Desde Fevereiro que o capitão Delgado da Fonseca integrava o núcleo do MFA da Região Militar do Porto. Quase por acaso, as peças fundamentais deslocavam-se no xadrez da revolução. “Cheguei ao CIOE no dia 8 de Abril. O anterior comandante também fora substituído, na sequência do levantamento dos oficiais. O novo comandante era o tenente-coronel José Sacramento Marques, que o capitão Delgado Fonseca tinha conhecido no Es-

tado-Maior de Angola, mas que o Movimento tinha rotulado de ‘não confiável’”. Mas, “eu tinha muita consideração por ele”.

Na antevéspera do dia D, 22 de Abril, analisadas as forças disponíveis no Quartel de Santa Cruz, só restava ao capitão a companhia de Comandos 4041, que estava para embarcar dentro de dias para a Guiné, encontrando-se os seus homens em Lamego para a vacinação. O capitão sabia que era a única força com que podia contar, para cumprir a missão que em breve lhe seria entregue pela cúpula do Movimento. Solução: “Consegui adiar por três dias a vacinação”.

O DIA D

24 de Abril de 1974. A manhã começou com a visita do General Câmara, Inspector Geral do Exército, cuja presença dava tanto jeito nesse dia como um mosquito na pele. O Capitão Delgado Fonseca acompanhou o General Inspector numa visita ao campo de tiro de Penude, onde eram ministrados os cursos de Operações Especiais. Acompanhava o general e o comandante do CIOE na messe de oficiais quando o relógio marcava exactamente 12h30. “Recebi da mão do capitão Castro Carneiro, oficial de ligação do Movimento do Porto, um envelope fechado, com a ordem de operações”.

Pediu licença para se ausentar. Foi ao seu quarto, para ler e memorizar as instruções, que ainda estão na memória: “Neutralizar o comandante e tomar o comando do CIOE”. Seguidamente, “mobilizar uma companhia de comandos, reforçada com elementos de armas pesadas em missão fundamental de marcha sobre a

cidade do Porto, para robustecer as forças do Movimento, participando no derrube do Governo e no controlo dos órgãos de poder na Região Norte”. E, se tudo decorresse em conformidade, “ocupar e controlar a sede da DGS (Direcção-Geral de Segurança) no Porto”.

Durante o almoço, o General Inspector, parecia ansioso para cumprir uma tradição do CIOE: “Visitar as Caves da Raposeira”. O capitão Delgado Fonseca não teve como recusar. Enquanto o general discutia os pormenores infinitos do método champanhês, o capitão organizava mentalmente os detalhes da missão. “Através de um estafeta, fui distribuindo instruções preliminares”. Pelas 18h, argumentando que teria de preparar um exercício de instrução nocturna, o capitão Delgado Fonseca ausentou-se de novo. O que se seguia, porém, não era um exercício.

Foi exactamente isso que o capitão transmitiu, numa reunião marcada para as 22h, em Penude, com a presença de todos os oficiais, sargentos, instrutores e monitores dos cursos de comandos e de operações especiais. E, como é evidente, com o comandante e respectivos homens da Companhia de Comandos 4041. Abriu-lhes o jogo, dizendo-lhes que este estava a ser jogado em toda a extensão do tabuleiro nacional, elencando todas as razões que justificavam a Operação Fim-Regime. O próprio nome era já justificação quanto basta. Ainda assim, o capitão Delgado Fonseca assegurou aos presentes que quem quisesse desistir nada teria a recear. Ali, o capitão só encontrou voluntários.

Às três da manhã, saiu do Quartel de Santa Cruz, Lamego, a coluna militar comandada pelo capitão

Delgado da Fonseca, em direcção ao Porto. “Um jipe, vários Unimogues e Berliets, onde iam todos os elementos da 4041, reforçados com elementos de armas pesadas”.

A saber: “Duas metralhadoras Breda, um morteiro 81, dois morteiros 60, várias bazucas”. A coluna era liderada por um Volkswagen, que só em certa medida era civil, por ser a viatura particular do capitão Delgado Fonseca. “Tive de levar o meu carro, pela necessidade de ter a bordo um rádio para receber as emissoras de radiodifusão”. Era imperativo ir acompanhando os passos da revolução, até para calcular bem os seus. Chegaram ao Campo 24 de Agosto, no coração do Porto, às 06h30.

A ausência de comunicação era total. Como é de norma militar, o capitão deu ordens para se formar um pequeno dispositivo de defesa naquele local. Se seguisse a ordem de operações à risca, era aquele o momento para tomar a sede da PIDE/ DGS, na esquina da Rua do Heroísmo, com o Largo Soares dos Reis. Mas, naquela circunstância, algumas dúvidas assaltavam o capitão. “Decidi não avançar para a DGS enquanto não obtivesse uma confirmação da ordem”. Àquela hora, não estava fácil encontrar um telefone. “Entrei numa padaria, para os lados do Bonfim. Tentei ligar para o Quartel-General da Região Militar do Porto que, se tudo estivesse a correr de acordo com os planos, já devia estar ocupado pelas nossas forças. As linhas davam sinal de avaria”. Mau sinal. “Contactei de seguida o tenente-coronel Azevedo Simões, que era o comandante do CICA 1 (Centro de Instrução e Condução Auto 1, no Porto)”.

Foi possível a comunicação, mas as notícias não eram famosas. O comandante temia que a GNR agisse contra o seu quartel. “Pedi que nos deslocássemos para o CICA 1, para reforçar a sua defesa”. Para lá avançou a coluna do capitão Delgado Fonseca, encontrando a Avenida dos Aliados, até à Rua D. Manuel II. “Na rua, as pessoas não se tinham apercebido de nada. Iam normalmente às suas vidas”.

Para testar o estado de espírito e o grau de prontidão das forças “não-amigas”, o capitão resolveu passar pela Rua do Carmo, passando à frente do Comando da GNR do Porto. “O comandante da GNR (coronel João Pessanha) veio à varanda do 1.º andar, assim como vários homens”. Olharam-nos com ares de neutralidade.

Chegados ao CICA 1, onde se montou o Posto de Comando alternativo, em conjunto com o comandante e os oficiais do quartel, o que mais se procurou foi um ponto de situação. Sabia-se isto: “Às 03h, hora H, uma companhia de instrução do CICA 1, liderada pelo tenente-coronel Carlos Azeredo e pelos majores Corvacho e Nogueira de Albuquerque, tinha ocupado o Quartel General da Região Militar do Porto e estabelecido ali o Posto de Comando”. Mas, pairava alguma incerteza. “As telecomunicações com o quartel-general estavam cortadas. E desde aquela hora que não chegavam informações daqueles oficiais”.

Depois de variadíssimas diligências, ao fim da manhã concluiu-se que as notícias eram boas e não eram. A Operação Fim de Regime, tudo indicava, “estava a ser bem sucedida em quase todos os pontos do país, incluindo a periferia do Porto.

Um regimento de artilharia tinha o controlo das pontes sobre o Douro. Um grupo fizera o mesmo em Vila do Conde e na ponte sobre o Cávado. Um regimento de Cavalaria tinha montado uma força de segurança no Palácio dos Correios, na Avenida dos Aliados. Um batalhão de Caçadores ocupava e controlava o aeroporto de Pedras Rubras”. Mas, “na cidade do Porto, a situação era confusa”. O Comando da Região Militar continuava ainda por ocupar, pois “o Regimento de Infantaria 6, ao qual havia sido destinada esta e outras missões, ainda não tinha enviado as suas forças. O Regimento de Infantaria 8, de Braga, esperava reforços, supostamente vindos de Espanha. E não havia notícias das unidades de Penafiel, Chaves, Vila Real e Bragança”.

Do outro lado das invisíveis barricadas, a GNR mantinha-se “neutra e aquartelada”. O comando da PSP não cumprira os pedidos para recolher as suas forças às esquadras. “Ameaçava carregar sobre qualquer manifestação popular”. E, algo que explicava a ausência de informações, “a Legião Portuguesa lançara grupos de operações especiais em missões de sabotagem. Antenas, rádio e televisão, linhas telefónicas”. Incluindo, como era bom de ver, as do Quartel General da Região Militar do Porto.

INCERTEZAS E IMPROVISOS

Quanto mais adensavam as incertezas, mais se tornava clara a necessidade de improvisar. A meio da tarde, com o apoio do comando do CICA 1, o capitão Delgado Fonseca decidiu distribuir as forças do CIOE em várias acções estratégicas, todas elas fundamentais. Havia

que controlar os pontos da cidade considerados sensíveis. Havia que “estabelecer contacto físico com o Quartel-General e escoltar todos os oficiais de ligação”. Havia que reestabelecer as comunicações telefónicas, assim como as antenas de radiodifusão. Era preciso retomar o funcionamento da Emissora Nacional, do Rádio Clube Português, da RTP e da Rádio Renascença, no Monte da Virgem, para que a população e eles próprios fossem informados das ocorrências.

Concretizadas estas operações, que culminaram às 17h de 25 de Abril com a detenção do engenheiro responsável pelo corte das linhas telefónicas. A situação aclarou. Por volta dessa hora, jornalistas do Comércio do Porto afixaram na porta um cartaz, informando dos acontecimentos. “E a população começou a juntar-se em torno do edifício do jornal”. Com as linhas em normal funcionamento, no CICA 1, toca o telefone. Era o comandante da PSP, coronel Santos Júnior, que ameaçava carregar sobre a multidão. “Dissemos que não o fizesse, sob pena de detenção”. Mas o comandante cumpriu a ameaça. O povo dispersou, mas só para reagrupar.

E, durante a madrugada de 26 de Abril, foi-se congregando na Rua do Heroísmo, que amanheceu cheia de gente enfurecida. Era ali que permanecia, ainda intacto, um dos principais objectivos do capitão Delgado Fonseca: a sede da PIDE / DGS.

Nessa manhã, porém, um imprevisto aconteceu: “Sem o meu conhecimento, o tenente-coronel Carlos Azeredo mobilizou a companhia de comandos 4041, que estava a meu cargo, e tomou a sede da DGS. Obtida a rendição do

Inspector-chefe, agarra nos Pide’s todos, mete-os num camião militar e manda-os distribuir pelos pinhais das redondezas”. O capitão não recebeu esta informação com agrado, pois estas eram as suas ordens específicas. E dirigiu-se de pronto para a Rua do Heroísmo.

O que viu ali, agradeceu-lhe ainda menos. “Um cenário que militarmente nunca julguei ver: das janelas abertas do 1.º andar o tenente-coronel Carlos Azeredo e os seus acompanhantes punham a multidão em delírio, atirando para a rua todo o tipo de folhas e documentos”. No interior da sede da DGS, recorda Delgado Fonseca, “já se encontravam muitos civis, vandalizando ficheiros e equipamento”. E, ao longo da escadaria para o 1.º andar, “estavam abandonadas inúmeras armas e razoável quantidade de munições, de vários calibres”.

Quando o tenente-coronel Azeredo abandonou o local, “mobilizei os homens de Lamego para carregar as armas e as munições em viaturas militares e transportá-las para o Quartel-General, antes que aquilo descambasse”. A sede da DGS foi isolada. No porto, a situação estava controlada, no que era possível quando algo imparável, imparável se tornara. A revolução estava na rua. Na rua, quando abandonou a sede da DGS, o capitão viu algo muito estranho: “Várias pessoas me mostravam em silêncio a mão direita com o indicador cortado”. Ainda hoje, isso o perturba.

Ainda hoje, por entre o justíssimo orgulho da sua participação no derrube do Regime, algo rói ainda na sua integridade militar, traída numa guerra pelo poder político. E traída nesse dia, pela causa das causas.

NO LUXEMBURGO HOUVE UMA CÉLULA DE RESISTÊNCIA À DITADURA PORTUGUESA

Em 1971, um português recebeu ordens para criar no Grão-Ducado uma unidade de luta contra o Estado Novo. Durante três anos, juntou portugueses e luxemburgueses para pôr em causa o regime e a guerra colonial. Meio século depois, reconstituímos pela primeira vez a história desses dias de combate.

Por **Ricardo J. Rodrigues**, *Contacto*

António Paiva tinha chegado há menos de um mês a Paris quando lhe propuseram a primeira viagem ao Luxemburgo. Foi em outubro de 1970. “Eu tinha fugido a salto nesse verão. Fugi da PIDE, a polícia política portuguesa, que me queria prender”, conta agora num café na capital do Luxemburgo, cinquenta anos depois da ditadura contra a qual lutou se ter desmoronado.

Integrava o Comité dos Desertores, que operava a partir do oitavo ‘arrondissement’ da cidade. De dia trabalhava a servir às mesas, de noite marchava ao Teatro Operário. “Em outubro de 1970, poucas semanas depois de chegar, o grupo foi todo ao Luxemburgo apresentar uma peça de teatro e um concerto para a emigração portuguesa. A estrela de serviço era o Zeca Afonso.”

A comitiva viajou de autocarro.



António Paiva, na capa da edição especial para o *Contacto*

“Tivemos dois espetáculos, um na Maison du Peuple, em Esch, e outro no Casino Syndical, em Bonnevoie. No primeiro apresentámos uma peça chamada ‘O Soldado’, que era muito crítica contra a guerra nas colónias”, lembra Paiva. “No segundo o Zeca cantou e havia elementos da PIDE na sala. Foi uma confusão.”

Quando regressou a Paris, contou à direção do Comité o que se tinha passado. E lamentou que num país onde trabalhavam tantos portugueses não houvesse nenhum núcleo de resistência e consciencialização das massas. Em agosto de 1971, voltou ao Luxemburgo para criar a primeira célula da resistência portuguesa à ditadura. Ao longo dos três anos seguintes, haveria de recrutar luxemburgueses e portugueses para o ajudarem na missão. Há um capítulo desconhecido do vento de liberdade que soprou em Portugal a 25 de Abril de 1974 que foi escrito num pequeno país do centro da Europa.

Pode ler toda esta investigação, e os relatos dos protagonistas desta história, na edição especial do *Contacto* que chegou aos quiosques este sábado. Uma revista bilingue, em português e francês, toda dedicada aos 50 anos do 25 de Abril. Para guardar.

A versão em alemão está também disponível no Luxemburger Wort.

Carrosserie NCM



HORÁRIOS E CONTACTOS

Aberta de segunda a sexta, das 8h às 12h e das 13h às 17h e aos sábados das 8h às 12h, a carrosserie NCM está situada na route d’Arlon, n°113.

As marcações podem ser feitas através do telefone 31.89.91.40 ou por email: carroncm@pt.lu

113, route d’Arlon
L-8211 Mamer
Tél.: **+352 31.89.91.40**
Fax: **+352 31.89.91.45**
info@carrosserie-ncm.lu
www.carrosserie-ncm.lu

No país com os carros mais novos da Europa, habituado a renovar a sua frota automóvel de três em três anos, levar o carro à garagem é uma aventura que pode sair dispendiosa e que por vezes não trás os resultados esperados. Não admira por isso que as oficinas com mecânicos experientes e uma gestão séria não tenham mãos a medir.

É o que acontece com a oficina Carrosserie NCM, em Mamer, que efetua reparações de carroçaria, pintura, mecânica, montagem e calibragem de pneus e ainda serviço de reboque. Esta empresa familiar

foi criada por Manuel Rosa e vai já na segunda geração. Após ter concluído a formação necessária à obtenção da autorização de comércio e de ter trabalhado vários anos na empresa, Melvin Rosa, filho do fundador, assumiu a gerência.

Atualmente a oficina conta com três mecânicos, quatro bate-chapas e quatro pintores, todos eles portugueses. A maioria dos serviços prestados são de chaparia, mecânica e pintura.

Para além de ser representante da Subaru, a Carrosserie NCM possui a acreditação Bosch, que lhe possibilita fazer reparações em todas as marcas.

Reconstrução de veículos antigos

Nesta garagem é também habitual encontrar veículos antigos reconstruídos praticamente de raiz. Inclusive os carros de coleção para os quais é geralmente complicado encontrar peças.

Uma competência conquistada ao longo de 17 anos de experiência e uma aposta em mão-de-obra altamente especializada, mas que tem os seus custos. “Temos sempre um ou outro veículo de coleção na oficina para reconstruir”, afirma Manuel Rosa, fundador da empresa.

Uma atividade que abraçaram mais por paixão do que propriamente pelo negócio. “A nossa atividade principal é a carroçaria e a mecânica, os carros antigos de coleção são mais uma paixão”, explica.

Fim de semana animado de Pentecostes em Clervaux

Visite Clervaux durante o fim de semana de Pentecostes e desfrute da variada programação cultural que o espera no centro desta romântica cidade.

JORNADAS DOS MUSEUS DO LUXEMBURGO

De sábado a domingo, de 18.05 a 19.05.2024, os museus do Castelo de Clervaux estão abertos das 10h00 às 18h00. A entrada e as visitas guiadas são gratuitas. Pintura facial gratuita para crianças no museu Bataille et Château, sábado e domingo, das 14h às 17h.

Além disso, aproveite o seguinte programa:

“A FAMÍLIA DO HOMEM”

VISITAS GUIADAS E OFICINA DE FOTOGRAFIA

Em ambos os dias, **visitas guiadas gratuitas** permitirão aos visitantes descobrir a coleção, a sua história movimentada, bem como a fascinante biografia do seu curador Edward STEICHEN de forma convivial para as famílias.

No sábado, dia 18 de maio de 2024, decorrerão as seguintes visitas guiadas:

15h00: Visita guiada em luxemburguês

16h00: Visita guiada em inglês

No domingo, dia 19 de maio de 2023, decorrerão as seguintes visitas guiadas:

15h00: Visita guiada em alemão

16h00: Visita guiada em francês

O **Atelier de fotografia** oferecida neste fim de semana no Centro Cultural vizinho também é digitado às famílias. Trata-se de criar juntos fotorrentagens digitais incomuns. Não há necessidade de conhecimento prévio ou inscrição.



www.steichencollections-cna.lu
www.thefamilyofman.education

CLERVAUX - CIDADE DAS IMAGENS CONHEÇA PIXIE PIXEL

VISITAS GUIADAS GRATUITAS
“MEET PIXIE PIXEL”

Venha com a sua família descobrir as exposições da “Clervaux - Cité de l'image” em forma de visita guiada lúdica. Uma atriz luxemburguesa interpreta a personagem fictícia “Pixie Pixel” e introduz a fotografia às crianças e às famílias.

Sábado, 18 de maio de 2024

das 11h00 às 12h00:

em luxemburguês/alemão

das 14h00 às 15h00: em francês/inglês

Inscrições até sexta-feira, 17 de maio:

info@clervauximage.lu

Encontro próximo ao Bra'Haus, Posto de Turismo.

Visita gratuita - Passaporte Pixie Pixel

No Posto de Turismo localizado na Place du Marché em Clervaux, receberá gratuitamente um panfleto em alemão, francês e inglês, que guiará seus filhos de forma divertida pelos jardins de exposições.

MUSEU DA BATALHA E DAS ARDENAS

Modelo “Diorama da cidade de Clervaux” animado com som e luz
Durante a sua visita gratuita ao museu, pare na sala de diorama Clervaux. Em colaboração com a artista-contadora de histórias luxemburguesa Luísa BEVILACQUA, a maquete da cidade de Clervaux ganhará vida. Uma voz off contará a história da “La ville effondrée”. Uma projeção cartográfica na maquete iluminará as diferentes partes da cidade para dar vida à história e permitir que os visitantes mergulhem nos detalhes da maquete.

Visita a locais de queda de avião com CEBA

A visita guiada aos locais da queda do avião envolvidos e aos locais historicamente importantes durante a Batalha do Bulge acontece:

Sábado, 18 de maio, das 10h às 16h.

Participação gratuita (exceto custos de almoço).

Inscreva-se até segunda-feira, 13 de maio:

city.management@clervaux.lu

Programa do dia:

O passeio sai de Clervaux, Place du Mar-

ché, no Centro Turístico (11, Grand-Rue) às 10h.

Passeio de carrinha pelos locais do acidente:

- Maulusmühle
- Hupperdange
- Hupperdange-Grindhausen
- Bunker em Heinerscheid
- Lieler
- Weiswampach

Almoço no restaurante Cornelyshaff, em Heinerscheid (por conta do visitante). Organizado pelo CEBA (Círculo de Estudos sobre a Batalha do Bulge). Para adolescentes e adultos.

MERCADO “LE VILLAGE PROVENÇAL”

De sexta a segunda-feira, 17 a 20 de maio, os visitantes descobrem as especificidades da bacia do Mediterrâneo, os comerciantes, o fabrico dos produtos, a arte, o saber fazer e a qualidade do seu trabalho. Mais de 40 expositores vendem produtos típicos de sua região.

Encontro na Praça do Mercado:

• de sexta a domingo, das 10h00 - 21h00;

• na segunda-feira, das 10h00 - 18h00

CONCERTOS E ANIMAÇÕES

A CÉU ABERTO

18.05 às 14h30:

Concerto « Vocals on Tour »

/ Palco próximo do Château de Clervaux

18.05 às 16h30:

Concerto «Muziekvereniging Juliana Almen»

/ Zona pedonal de Clervaux

19.05 às 14h30:

Clownshow Kasia Balou

/ Palco próximo do Château de Clervaux

19.05 às 15h30:

Concerto « Harmonie St. Caecilia Geulle »

/ Zona pedonal de Clervaux

20.05 às 13h30:

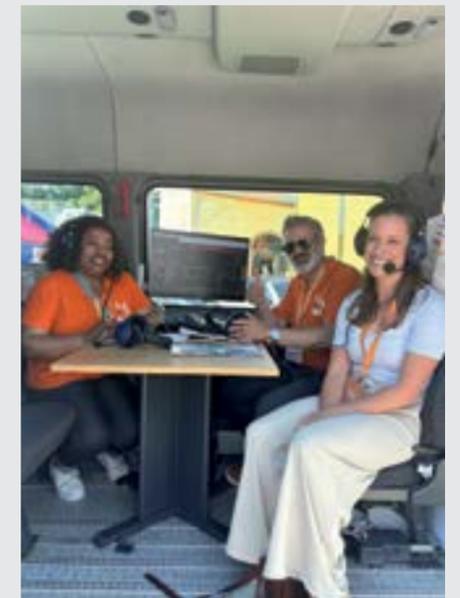
Concerto « Fanfare Concordia Leveroy »

/ Zona pedonal de Clervaux



Bissen de todas as cores

Centenas de pessoas encheram a praça Frounert, em Bissen, para participar no Terra Bis. Um evento organizado pela Comuna que contou com a participação de dezenas de associações locais e com a presença da Rádio Latina que trouxe animação, música e boa disposição a uma festa de todas as cores, com uma multidão multicultural a marcar presença. Os visitantes puderam igualmente degustar algumas das iguarias disponíveis nos stands de 17 países presentes, participar nos vários workshops que tiveram lugar ao longo de todo o dia e, ainda, assistir a espetáculos de dança e de tambores, que contribuíram para abrilhantar mais uma excelente iniciativa de “vivre ensemble”.





O Grupo Sopinor foi escolhido para dar continuidade à construção do Tram.

Obrigado a todos que contribuíram para mais este enorme sucesso!



LOOKING FORWARD BUILDING THE FUTURE

A SOPINOR é líder em soluções de construção de última geração, unindo o conhecimento especializado e o compromisso com a sustentabilidade para alcançar resultados excepcionais

NOSSOS SERVIÇOS

A SOPINOR oferece soluções de construção de A a Z, combinando a experiência e sustentabilidade para resultados excepcionais

Engenharia Civil



Especializados em infraestruturas rodoviárias, ferroviárias e paisagismo, entregamos projetos abrangentes com execução de alto nível em obras viárias, instalações de rede e canalização

Construção



O setor da construção requer uma perícia precisa e adaptável. Nossa equipa de profissionais dedicados possui as habilidades necessárias para corresponder a essas exigências

Arranjos Exteriores e Paisagismo



As nossas equipas aconselham desde a conceção do seu projeto de arranjo exterior, dando ênfase às mais recentes inovações para garantir o seu conforto

O QUE FAZEMOS?

O Grupo SOPINOR, dedica-se à criação de espaços de qualidade e colabora em diversos projetos de construção e infraestruturas, tornando-se um parceiro de referência para os projetos mais emblemáticos do país.

- ✓ Projeto "TRAM WAY" Luxemburgo
- ✓ Urbanizações e loteamentos
- ✓ Construção de infraestruturas e redes (água, gás e saneamento)



Telefone: 00 352 52 30 06

E-mail: sopinor@sopinor.lu

Morada: 70 Zone Industrielle
Um Monkeler L-4149 Schifflange

DIFFERDANGE
GRAVITY
SHOPPING

PROCURA UM ESPAÇO COMERCIAL?

As últimas unidades comerciais, **a partir de 160 m²**, e apenas um escritório de 250 m², ainda estão **disponíveis para venda** neste empreendimento de sucesso no coração de Differdange. Não perca esta oportunidade de criar a sua empresa num **espaço novo**, que poderá equipar como desejar!



Informações e vendas

sales@bpi-realestate.com
T. 26 18 74 33

Promotor



Mais informações em

www.gravity-differdange.com

